

**Mariana Montoro Dias**



1290002742



FE

TCC/UNICAMP D543a

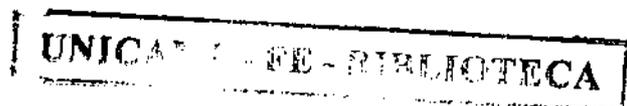
# **Avaliação Escolar e Pedagogia Freinet**

## ***Possibilidades de Olhares***

**Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como exigência parcial para o curso de  
Pedagogia da Faculdade de Educação,  
UNICAMP, sob orientação da  
Prof.ª Maria Márcia Sigrist Malavazi.**

**UNICAMP**

**Faculdade de Educação – 2005.**



1290002742

UNIDADE	F.E
Nº CHAVE	TCC/Unicamp
	D543a
V.	
TOM	2742
PRC	123/2005
C.	X
PRE	
DATA	24.03.06
Nº CPO	50127

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

D543a Dias, Mariana Montoro.  
Avaliação escolar e pedagogia Freinet / Mariana Montoro Dias. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Maria Marcia Sigris Malavazi.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Autonomia. 2. Avaliação escolar. 3. Freinet, Método de educação. I.  
Malavazi, Maria Marcia Sigris. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

05-294-BFE

*Dedico este trabalho a minha família, que sempre esteve comigo na realização dos nossos sonhos.*

*Dedico aos meus amigos Ricardo e Fabiana pelas tardes de computadores disponíveis e pelas injeções de ânimo.*

*Aos meus pequenos curumins que me fazem uma pessoa melhor a cada dia. Aos grandes curumins que com perguntas e questionamentos certos sempre me levam a avançar nos caminhos da educação.*

*Agradeço a Deus por ter mantido minhas forças em todos os momentos.*

*Agradeço aos meus pais e a Bia por sempre terem sonhado comigo e me auxiliado nos caminhos de construção deste sonho.*

*Agradeço ao carinho e confiança sempre recebidos pela Professora e amiga Márcia em tanto tempo de cuidado comigo.*

# Índice

<i>Introdução</i> .....	9
<b>1</b> <i>Avaliação: eixos de análise</i> .....	11
1.1 De que avaliação estamos falando?.....	11
1.2 De que escola estamos falando?.....	13
1.3 O tripé da avaliação: avaliador, avaliado e instrumentos.....	27
1.4 Nota: resultado arbitrário ou possibilidade de mudança .....	33
1.5 Avaliação sem exame: o caráter formal e informal.....	35
1.6 Família e processos avaliativos.....	37
<b>2</b> <i>Pedagogia Freinet ou Pedagogia do Trabalho: o que ela nos tem a dizer sobre avaliação escolar?</i> .....	44
2.1 Quem foi Freinet? .....	44
2.2 Necessidade e urgência de uma pedagogia moderna .....	46
2.3 Métodos tradicionais e métodos naturais .....	49
2.4 Vantagens Psicológicas dos seus instrumentos .....	58
<b>3</b> <i>Instrumentos de avaliação da Pedagogia Freinet</i> .....	60
<b>4</b> <i>Examinando uma experiência</i> .....	71
4.1 A turma da 1ª. Série – Turma da Esponja do Mar.....	73
4.2 Os instrumentos, como são usados?.....	75
<b>5</b> <i>Considerações finais</i> .....	80
<b>6</b> <i>Bibliografia</i> .....	84
<b>7</b> <i>Anexos</i> .....	86

## Introdução

Este trabalho nasceu de uma verdadeira paixão: o trabalho pedagógico baseado na pedagogia Freinet. Seus instrumentos, suas particularidades, sua ruptura com uma escola tradicional, o olhar humano para todos os sujeitos da prática pedagógica.

Todos estes eixos de análise culminam na minha própria prática como professora alfabetizadora na pedagogia Freinet com uma turma de crianças de 6 e 7 anos de idade.

Entre muitos questionamentos que desde o princípio, desde os primeiros contatos com esta prática pedagógica já emergiam em minha mente um deles sempre foi mais latente: como acontece a avaliação?

Minhas formações escolares e universitárias sempre estiveram pautadas na avaliação do ensino e da aprendizagem, ou seja, com conceitos determinados por professores mensurando aquilo que aprendi ou não e definindo minha aprovação e/ou reprovação naquela série.

Na pedagogia Freinet a estrutura da escola é outra, então a pergunta: E como avaliar, como se dá esta etapa do trabalho escolar?

Este trabalho tem como objetivo discutir essas as perguntas. Há um ir e vir constante entre os dois olhares sobre a escola Tradicional e Freinetiana. Começaremos pela avaliação. Este trabalho será dividido em quatro partes.

Na primeira parte, será delimitado qual vertente de avaliação este trabalho quer discutir, ou seja, que avaliação é esta? Formal? Informal? Qual escola?

Na segunda parte, estaremos apresentando Freinet e a pedagogia que concebeu juntamente com seus colaboradores.

---

Na terceira parte, estaremos olhando para os instrumentos Freinet e a avaliação como possibilidade de prática pedagógica.

Na quarta parte, a pedagogia Freinet será explicitada através da análise de uma turma no ensino fundamental, em uma escola do ensino privado, que trabalha através de um projeto alternativo. A escola na cidade de Campinas, desenvolve seu projeto político pedagógico baseado nesta pedagogia há mais de vinte e cinco anos.

Estaremos ainda conhecendo os instrumentos da pedagogia Freinet e suas possibilidades para avaliação escolar, sob um olhar diferenciado da avaliação escolar da escola tradicional.

---

## Capítulo 1 – Avaliação: eixos de análise.

### 1.1. De que avaliação estamos falando?

Começar um texto sobre avaliação escolar não é fácil. Quando estudamos este tema e o discutimos entre professores precisamos nos ater às diversas facetas que esta palavra contém e aos diversos significados que ela carrega. Primeiramente é necessário delimitar o significado do termo avaliação e seu uso neste trabalho.

A avaliação é considerada como o ato de avaliar, de classificar, de mensurar valor em determinada situação, de acordo com critérios pré-estabelecidos, para encontrarmos o sucesso da ação avaliada ou insucesso.

Neste trabalho estaremos utilizando o termo avaliação escolar e todos os seus segmentos de análise de uma maneira ampla, isto é, este trabalho não irá se basear somente nos instrumentos usados para avaliar, (aprovação/reprovação, nota, frequência, média, mensuração), mas sim nos fenômenos que ocorrem dentro do espaço escolar e que definem o ato de avaliar na sua macro-estrutura. Para isso, estaremos olhando as relações estabelecidas dentro da escola entre seus sujeitos, estaremos pensando que escola é esta, a quem ela serve, qual o objetivo da educação, qual o caminho para se chegar à avaliação no sentido da aprovação e reprovação, qual o caráter desta avaliação, suas características como formal e informal, as implicações que este processo gera tanto na vida dos alunos como na sociedade e na família.

No interior da escola o ato de avaliar a avaliação educacional gera dois sentimentos entre aluno e professor. Para o aluno, a avaliação pode remeter a um caráter negativo, ou punitivo em relação ao que o aluno produziu, isto é, o final de uma etapa de trabalho a qual não foi terminada da maneira esperada pelos avaliadores, criando a relação aprovação ou reprovação e, conseqüentemente uma punição transformada numa nota baixa ou a própria reprovação.

Para o professor, o momento de avaliar o trabalho dos seus alunos nem sempre é momento de reflexão sobre o seu próprio trabalho, suas posturas e também sobre o que

o aluno produziu. O momento de avaliar é restrito ao momento de atribuir uma quantificação sobre aquilo que o aluno devolveu das aulas. HOFFMANN (1993)<sup>1</sup> nos situa no caráter que a avaliação tem para muitos profissionais da educação:

*“Para inúmeros professores, pela sua estória de vida e por várias influências sofridas, a avaliação se resume à decisão de enunciar dados que comprovem a promoção ou retenção dos alunos. É uma penosa obrigação a cumprir na sua profissão, que deve ser exercida da forma mais séria (rígida?) possível no menor tempo de que possam dispor!”.*

Os sentimentos gerados pelos alunos, professores e profissionais da área que estudam a avaliação escolar, como já exposto, não são naturais, mas sim parte de um processo que muitos sujeitos viveram em suas vidas escolares e que hoje autores conseguiram definir como *desafio ou tarefa espinhosa*. (LÜDKE, 2002)<sup>2</sup>

O sentimento de desafio também pode ser mais latente pelo fato do tema avaliação não fazer parte dos cursos de formação de professores durante o processo de formação, ou seja, norteador todo o processo do trabalho escolar, mas ser um tópico restrito a uma unidade ou disciplina nas grades curriculares dos cursos de formação de professores. De acordo com VIANNA (2002)<sup>3</sup>...

*“A avaliação, lamentavelmente, não faz parte da formação dos docentes, quando muito é um tópico isolado, uma aula ou talvez uma unidade, mas não uma área de concentração”.*

Se considerarmos então, que o processo de avaliação abrange desde a elaboração do projeto político pedagógico da escola até a mensuração de notas já em sala de aula e

---

<sup>1</sup> HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993. p.22.

<sup>2</sup> LÜDKE, Menga. *Um olhar sobre o campo da avaliação escolar*. In: FREITAS, Luiz Carlos (org). *Avaliação: construindo o campo e a crítica*. Florianópolis: Insular, 2002. p. 89.

<sup>3</sup> VIANNA, Heraldo Marelim. *Questões de avaliação educacional*. In: FREITAS, Luiz Carlos (org). *Avaliação: construindo o campo e a crítica*. Florianópolis: Insular, 2002.p.73

aos processos de auto-avaliação dos sujeitos das escolas, e não a momentos nos finais das unidades programáticas, faz-se necessário também que o tema avaliação faça parte da formação dos professores de modo continuado no tempo em que estes estão no espaço universitário e espaços de formação, assim como no interior das escolas nos momentos de organização do material, da formalização e estruturação curricular, de modo constante e dialético entre o planejar e instituir.

Como temos muitos questionamentos em relação a avaliação precisamos delinear alguns pontos para pensarmos em como isto acontece na prática das nossas escolas. O olhar sobre a escola, então, faz-se essencial.

## **1.2 – De que escola estamos falando?**

Já definimos o conceito de avaliação que estaremos considerando. Agora, é necessário olhar também para a escola. Como ela é, como está configurada dentro da sociedade, a quem ela serve. Segundo HOFFMANN (1993), os sentimentos que estão imbricados quando questionamos avaliação escolar, dizem respeito à escola que tenta superar a educação tradicional, mas que ainda desenvolve seus instrumentos de avaliação como esta pedagogia, ou seja, a ruptura é buscada em partes e não de maneira completa. A maneira de olhar o conteúdo, a fragmentação do conhecimento, o distanciamento entre a figura do professor como detentor do conhecimento e o aluno como aquele que necessita aprender, a classificação e a mensuração da nota como fim do processo de avaliação são as características que marcam este tipo de escola.

### ***1.2.1. Relações de poder na escola tradicional.***

*“A verdade é que há um sério descrédito em relação às escolas inovadoras e o sistema de avaliação é um dos focos principais de crítica da sociedade, uma vez que se constitui em componente decisivo na questão resultados, ou seja, produto obtido, em educação. Enfim, a crença popular é que os professores tendem a ser menos exigentes do que tradicionalmente e que as escolas não oferecem o ensino*

*competente à semelhança das antigas gerações*". (HOFFMANN, 1993: 12).

A escola tradicional intencionalmente carrega consigo as facetas de sua pedagogia no campo da avaliação, ou seja, as relações professor/aluno/conhecimento são marcadas inteiramente também pelos seus fundamentos. Entre eles a avaliação somativa, a classificação e a mensuração são a maneira que o professor determina aquilo que foi aprendido ou não pelo aluno, tendo o poder de decisão continuamente centrado no próprio professor.

VIANNA (2002: 77) cita:

*"A avaliação em nossas escolas – públicas ou privadas, confessionais ou laicas, boas ou más -, não importando suas motivações e objetivos, é eminentemente somativa, preocupada com os resultados finais, que levam a situações irreversíveis sobre o desempenho, sem que os educadores considerem as várias implicações, inclusive sociais, de um processo decisório muitas vezes fatal do ponto de vista educacional"*.

Esta discussão será retomada durante este trabalho, pois não tem um fim em si mesma, mas permeia toda a análise sobre avaliação, além disso, com esta prévia já nos é possível extrair questionamentos importantes sobre alguns temas que nortearão este trabalho:

- A quem serve a manutenção da escola tradicional?
- A manutenção dos fundamentos da avaliação tradicional ou seus instrumentos asseguram a conclusão da escolarização?
- Se houve uma ruptura com algumas características ou fundamentos da escola tradicional, a quem vem servir a manutenção da avaliação escolar e seus instrumentos?

---

Como produto do trabalho humano, a avaliação escolar é intencional, ou seja, está repleta de valores e conceitos os quais contribuem para um resultado já esperado.

Desta maneira, podemos buscar respostas ao questionamento: a quem serve este tipo de educação e avaliação?

### 1.2.2. Manutenção da escola tradicional: a quem serve?

Para entendermos a avaliação como processo do trabalho escolar e suas diversas facetas de análise, segundo BERTAGNA (2002)<sup>4</sup> devemos:

*“(...) compreender que as relações professor/aluno/conhecimento que permeiam as escolas, modificaram-se de acordo com o desenvolvimento da sociedade.”*

Sendo assim, as necessidades destas sociedades e períodos foram configurando a escola para que os sujeitos formados no ambiente escolar estivessem prontos ou capacitados a trabalhar nestas sociedades e responder às expectativas de cada época, ou seja, a escola foi sendo configurada historicamente de acordo com as mudanças ocorridas no processo de industrialização no capitalismo.

A escola pode ser considerada, então, como produto da sociedade e do tempo histórico na qual está imersa e serve como um instrumento de **coesão social**, no sentido de padronizar comportamentos, resultados, de legitimação da ideologia dominante em busca da hegemonia capitalista.

Diversas necessidades da produção industrial em relação ao preparo da mão-de-obra são lançadas na escola como objetivos da educação, tais como: disciplina, controle do tempo, produção de resultados, entre outros.

---

<sup>4</sup> BERTAGNA, Regiane Helena. *O formal e o informal em avaliação*. In: FREITAS, Luiz Carlos (org). *Avaliação: construindo o campo e a crítica*. Florianópolis: Insular, 2002.p.231.

Com o desenvolvimento do capitalismo e a necessidade de mão-de-obra a escola configura-se como espaço legitimado para que a aquisição dos comportamentos esperados pela indústria sejam ensinados implicitamente.

Encontramos nos escritos de Freinet apontamentos feitos na metade do século XX que ainda hoje são muito atuais para nossa discussão. De acordo com FREINET (2001)<sup>5</sup> a sociedade...

*“(...) Com muita freqüência, é dominada pela preocupação política de durar e não tem tempo de pensar no que será daqui a dez ou vinte anos. É o amanhã imediato que a obseda. E é para esse amanhã imediato que ela pede à escola que prepare a criança, para os objetivos imediatos que ela impõe e que podem não ser nem mais racionais, nem mais humanos do que aqueles em nome dos quais o industrial empreende a fabricação em série e o lançamento de um objeto inútil à sociedade, ou mesmo perigoso e nocivo”.*

Na ocorrência deste fenômeno algumas características desta educação que visa o controle e o preparo para o trabalho industrial são inculcadas no processo de educação como totalmente necessário para que o processo de ensino seja realizado com sucesso.

Como nas fábricas e nas indústrias, o modelo que deve ser seguido é aquele que mantém os trabalhadores ocupados, preocupados em cumprir objetivos que não são intimamente deles, mas sim do industrial e alcançar metas de produção para o fabricante.

Para que esta eficácia seja obtida fazem-se necessárias estratégias de trabalho, isto é, maneiras de adequação para o comportamento do trabalhador, maneiras de como se comportar perante a autoridade, perante os colegas e diante do próprio trabalho.

---

<sup>5</sup> FREINET, Celestin. *Para uma escola do Povo: guia prático para organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.8.

---

Tendo o cumprimento ou não destes critérios de avaliação, o empregador pode mensurar a capacidade de trabalho do sujeito como um bom ou mau funcionário. Este olhar sobre o trabalho do homem e as expectativas de produção deste não permitem que o funcionário trabalhe livremente, dando o máximo do seu potencial pessoal, mas sim o máximo do esperado pela empresa. Modelos a serem seguidos, uniformes a serem usados, cartões de presença a serem batidos, recompensas pelo melhor comportamento e pela máxima produção fazem parte de um conjunto de normas e regras necessárias ao empregador para manter a ordenação do corpo de trabalhadores, assim criando também um espaço para a máxima produção, para o cumprimento de metas.

Como eixo mantenedor deste tipo de trabalho, a **ordem** é necessária como meio de organização e manutenção. Encontramos a idéia de "*obsessão pela manutenção da ordem*" como um fenômeno transferido também para a escola.

A adequação do homem na sociedade é iniciada no espaço escolar. Muito além da adequação que já é iniciada no contexto familiar, o que acontece na escola pode ser considerado como um processo intensificado, ou seja, a criança é ensinada a se adequar às situações de sala de aula como se não houvesse opção de mudança para melhor recebê-la ou para desenvolver o seu máximo possível, já que a estrutura do espaço escolar está pronta quando esta chega e definida pelo sujeito adulto (corpo docente).

A manutenção da ordem é projetada no aluno como comportamento esperado para que esta seja condição da atuação do aluno na escola e objetivo do trabalho do professor. Vemos historicamente a manutenção da ordem ocorrer, pois o aluno precisaria desta como condição básica para aprender, para se adequar ao espaço escolar e desenvolver aquilo que é esperado dele.

### ***1.2.3. Duas visões: autoridade e submissão***

A situação que BERTAGNA (2002) nos sugere em relação à obsessão pela manutenção da ordem configura dois fenômenos sobre os papéis que os sujeitos incorporam nos espaços sociais organizados pela manutenção da ordem.

O primeiro é o papel da **autoridade**, ou seja, aquele que estabelece e mantém a ordem por meios de controle. Tanto na escola, como na fábrica – ambientes que parecem ser tão distintos - podemos contar com a estrutura de pirâmide hierárquica para explicar a configuração da autoridade.

Em ambos espaços o papel do diretor, ou a ponta da pirâmide independente do título que este sujeito tenha, define de onde vem o poder da ordem e do controle. Dentro da sala de aula este papel passa para a figura do professor.

O segundo fenômeno citado é a **submissão**. Entre a autoridade e o sujeito submisso *há meios de controle* que mantêm esta relação. Como já citado na escola a autoridade é iniciada com a figura do diretor. Pode-se dizer que o professor está submetido ao diretor e no espaço da sala de aula o sujeito submisso é o aluno. Podemos perceber a dicotomia apresentada em relação a imagem do professor pois o diretor sempre manterá a sua posição de autoridade assim como os alunos raramente têm o poder de assumir outra posição que não seja a de submisso, aquele que não sabe nada, ou a idéia de tabula rasa, como se o aluno só exercesse sua capacidade de aprendizado no espaço escolar.

Diante desta situação o papel do professor vai sendo configurado conforme os espaços e tempos em que este ocupa, isto é, o professor diante das autoridades (diretores, coordenadores, supervisores e delegados de ensino) pode ser considerado submisso, pois realiza ordens de outros. Já no espaço da sala de aula esta autoridade é diluída em relação ao corpo decisório da escola e o professor passa a dominar, a ser autoridade, ao passo que os alunos continuam inerentes a sua condição de alunos, daqueles que pouco sabem, que necessitam do olhar constante do adulto. Aqui vemos a educação para a docilidade, a dependência do outro adulto e conseqüentemente a não motivação do sujeito aluno como alguém capaz de decidir, de refletir, de trabalhar sua criatividade.

Como o professor está em contato com as duas esferas de relação, não é de nos admirarmos quando a avaliação é realizada arbitrariamente, sem tomar conhecimento do sujeito que se está mensurando.

Esta é uma relação, como já exposto, que acontece na nossa sociedade e que podemos considerar como um modelo de reprodução constante vindo da sociedade para dentro da escola. Isso não significa que não existam resistências.

BERTAGNA (2002) ainda nos proporciona o olhar sobre um dos problemas que a obsessão pela ordem, estabelecida fora da escola e reproduzida por esta, gera nos sujeitos que estão na base da pirâmide hierárquica do espaço escolar, ou seja, o aluno, o qual produzirá uma imagem de si mesmo como sempre dependente de outro, dependente da ordem,

*“(...) Impossibilitado de tomar suas próprias decisões, produzindo um sujeito sem autonomia para direcionar ou posicionar-se nas situações em que esteja envolvido”. (2002: 232)*

Podemos concluir aqui ser exatamente este o sujeito necessário e esperado para a mão-de-obra capitalista, isto é, pessoas tão imersas na ordem estabelecida, sem autonomia para exigir seus direitos e controlados a ponto de não haver tempo/espaço/condições para reflexão sobre sua própria prática. Assim como na indústria, o trabalho na escola é desenvolvido como repetições de atividades impostas, cumprimento de tarefas e responsabilidades de atingir metas estipuladas pela hierarquia, pela autoridade, fechando-se assim o ciclo de autoridade – ordem – submissão.

Podemos relacionar o conjunto de atividades, os instrumentos, as tarefas que os alunos realizam na escola capitalista ao conceito de alienação e trabalho alienado já defendido e postulado pelos autores marxistas como produção do trabalho humano, onde o sujeito da ação não pode participar de maneira ativa da sua manufatura, isto é, o trabalho é fragmentado, dividido em partes, marcado pela repetição.

Assim como na fábrica o operário não decide como por exemplo, será o projeto de engenharia de uma peça de metal e nem a finalidade do objeto, mas participa da sua produção repetidamente com objetivo de suprir metas também estabelecidas pelos seus superiores, o trabalho do aluno na escola não é decisão deste em nenhuma ou poucas

---

etapas do processo ensino-aprendizado. A superestrutura tira este poder das mãos dos professores e dos agentes da escola.

O aluno realiza atividades repetidas vezes, tem seu tempo fragmentado e da mesma maneira que não participa da elaboração (do projeto e do planejamento, como na fábrica) também depende que a autoridade avalie segundo critérios dela própria se o conteúdo foi aprendido ou não.

Se este sujeito que está em desenvolvimento pode ser aprovado ou não para a próxima etapa fragmentada da apropriação do conhecimento, podendo esta ser um próximo conteúdo, uma próxima unidade ou uma próxima série, não se configura como uma tarefa autônoma, mas sim como uma tarefa entregue ao professor. Um dos agravantes que temos é que até mesmo o poder de decisão quanto ao conteúdo programático é muitas vezes tirado das mãos do professor.

Em todo este processo a ordem segue o desenvolvimento do aluno e precisa ser mantida. O tempo é fragmentado na super estrutura como em séries de ensino e na micro-estrutura (dentro da escola) em unidades de conteúdo programático, em projetos, semanas e número de aulas.

Assim como na indústria, o tempo, o horário escolar é burocratizado, institucionalizado e imposto à base da pirâmide, ou seja, aos alunos.

Podemos ver que a ordem, as relações estabelecidas entre autoridade e submissão, a fragmentação do tempo e ainda outros questionamentos já delimitam o perfil da escola a qual analisamos, ou seja, a escola que está intrinsecamente, desde sua formação, a favor da adequação do sujeito ao modelo de produção da época.

A escola com o perfil apresentado, e como já foi dito, tenta formar a mão-de-obra para sociedade, assim está submetida ao modelo capitalista de produção. Os resultados deste tipo de educação, além de serem inteiramente favoráveis para a elite capitalista, carregam consigo marcas a serem deixadas aos seus sujeitos.

*“Aos poucos as crianças incorporam as condições produzidas na sociedade capitalista. A escola domestica ou torna dóceis os sujeitos para ingressarem nessa sociedade, vivenciando nas relações escolares, as relações de trabalho em que posteriormente estarão imersos”.*  
(BERTAGNA, 2002, 233).

Como delimitamos o tipo de escola que estamos falando e a quem serve esta educação como meio de ideologia, podemos aprofundar nosso olhar a questionamentos importantes sobre o caráter propagado pela hegemonia dominante aos alunos. Entre estes questionamentos estão: as relações de poder, a idéia de acesso e qualidade da educação oferecida nas escolas - principalmente na escola pública, a qual recebe a grande maioria da população brasileira.

#### ***1.2.4. Poder, acesso e qualidade.***

HOFFMANN (1993) chama atenção para o caminho que a avaliação tradicional pode nos impor se não analisarmos as relações de poder existentes em seus processos. Como já explicitado, um dos papéis que o professor assume dentro da sala de aula é o de autoridade, e no processo de avaliação, assume o papel de avaliador. Neste processo um poder é legitimado ao professor, ou seja, de aprovar ou reprovar o aluno.

Este poder atribuído ao professor através da avaliação traz consigo o perigo de ser utilizado sem a reflexão necessária e colaborar para uma arbitrariedade no processo ensino/aprendizado a ponto de chegarmos a uma discussão que Hoffmann levanta em relação ao acesso das camadas populares à escola. A autora traz à luz duas idéias em relação ao *acesso* do sujeito ao espaço escolar:

- Idéia de *acesso* como *ingresso*, ou seja, como entrada no universo escolar, nos trabalhos de transmissão e aprendizado dos conhecimentos legitimados como escolares.

- 
- Idéia de *acesso* como *permanência* no espaço escolar de maneira a estar se relacionando com o conhecimento através de um processo contínuo de aprendizagem até a sua formação acadêmica.

Quando as relações de poder são estabelecidas no espaço escolar como batalhas de competitividade, reforço do individualismo, entre outros sentimentos que não a relação entre sujeitos com o mesmo objetivo, ou seja, a relação concomitante entre aprender e ensinar, o acesso pode ser relacionado a idéia de ingresso e não de permanência.

Hoffmann aponta uma gravidade nesta relação: segundo a autora as escolas públicas nos revelam que nenhum dos dois conceitos de acesso estão ocorrendo, ou seja, nem o acesso como ingresso, pois há muita demanda para poucas vagas nas séries iniciais e nem o acesso como permanência na instituição escolar. Esta situação é exemplificada pela autora quando olhamos o grande número de alunos nas salas de aula das primeiras séries e a pouca quantidade de alunos que saem formados da oitava série do Ensino Fundamental, ou seja, durante o caminho para a formação básica o sujeito abandona a escola.

No caminho percorrido até este momento podemos notar o quanto a hierarquia possibilita aos sujeitos assumir diversos papéis dentro do espaço escolar, predominando no nosso estudo o papel de dominação exercido pelo professor no momento de avaliação.

A avaliação e os instrumentos que baseiam seu processo na escola capitalista não visam à pluralidade dos sujeitos que a escola recebe. Hoffmann chama a atenção para o fato da escola tradicional seguir parâmetros da sociedade elitista, onde a criança é atendida pelos pais, com recursos para seu vestuário, alimentação, condições materiais para chegar à escola e realizar as atividades propostas com êxito. A escola da elite espera este tipo de aluno que ingressa e permanece em todos os níveis de ensino até a formação acadêmica universitária.

---

Já a escola que formam os filhos de trabalhadores precisa lançar mão de recursos e estratégias para realmente exercer o seu papel de prepará-los para o trabalho, de mantenedora da ordem, da relação autoridade e submissão. Isto se dá através dos meios já explicitados, como a hierarquia, as relações de poder, assim como outros meios efetivamente usados em sala de aula que permitirão modelar a população escolar.

Estas estratégias precisam dar conta de um nivelamento de comportamento (domesticação do sujeito, de docilidade) e de aprendizado para que estes sujeitos possam, ao sair da escola, estar no mercado de trabalho. Com este discurso o trabalho escolar, ou a presença do sujeito na escola, passam a ser vistos e propagados pelos meios de comunicação e pelo governo como uma maneira de ascensão social, ou seja, como se a escola fosse o veículo para o aprendizado, para a capacitação e para uma elevação da posição do sujeito na sociedade. Este discurso é empregado principalmente em relação ao processo de alfabetização e de noções matemáticas, como se estes aprendizados pudessem alterar o curso de vida do sujeito de uma posição de submissão para a posição de autoridade na escala de hierarquia já apresentada.

Assim, a escola passa a ter também em seu papel a idéia de espaço ideológico, ou seja, um espaço no qual a ideologia dominante será propagada e transmitida ao sujeito da prática educativa. Neste momento vemos na escola a reprodução das contradições existentes na sociedade, ou seja, ao mesmo tempo em que é atribuído o papel de progresso social aos seus indivíduos a escola está reproduzindo o caráter hierárquico do mercado de trabalho capitalista através do controle, da competição, da burocratização, da medição e classificação dos sujeitos.

Vale ressaltar que nos discursos apresentados à ascensão social também não é para todos, mas para aqueles que se destacam pelo seu próprio esforço em aprender e ser o melhor. As propagandas são colocadas como se o sucesso da escola fosse para todos. Podemos observar mais uma contradição existente na sociedade capitalista reproduzida pela escola.

Nas propagandas e até mesmo nos discursos de governantes o acesso às escolas é para todos, a qualidade do ensino também. No entanto, são privilegiados aqueles que

---

se sobressaem por suas próprias capacidades, gerando um sentimento de competição e individualismo. Além disso, a escola acaba por ser modelo de uma possível ascensão social, que não é real. Novamente aquele que não é dotado de capacidades próprias para ascender na escada social desiste, sentindo-se culpado e carregando consigo o fracasso, sem perceber que na verdade trata-se de uma instituição inteira. Transfere-se para o sujeito a responsabilidade por suas ações e por situações macro-estruturais as quais ele não tem como modificar.

Além da idéia de acesso Hoffmann colabora com a discussão sobre avaliação num outro ponto também citado acima: a qualidade do ensino. Faz-se necessário aqui explicitar estas duas idéias de qualidade para que tenhamos em mente qual visão é utilizada pelos dominantes ao se falar em progresso pessoal através da escola e não cairmos no erro de relativizar o sentido desta palavra pensando que qualquer idéia de qualidade realmente é boa.

A autora relaciona o conceito de qualidade a duas perspectivas de avaliação existentes na prática escolar:

- Na visão classificatória o termo qualidade será interpretado como critério-padrão já estabelecido e que permitirão a comparação, ou seja, padrões de comportamento, gabaritos de respostas, critérios de promoção. Esta é a visão na qual a escola capitalista se baseia. Como dito no início, a educação que massifica os sujeitos como bons trabalhadores através da ordem e do controle.
  
- Na visão mediadora de avaliação, o termo qualidade refere-se ao desenvolvimento máximo possível do aluno, sem expectativas padronizadas, possibilitando ao sujeito o desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento que a ação educativa venha a desencadear.

Quando discutimos as relações de poder existentes no âmbito escolar, relacionamos acesso, ingresso e permanência, estamos abrindo um leque de reflexão para o poder de transformação que também existe dentro do espaço escolar, mas que é abafado pela ideologia dominante. Desta maneira, podemos olhar a sala de aula com dois focos. O

---

primeiro de manutenção da ordem estabelecida pela sociedade capitalista e o outro como espaço político de mudança, de transformação das relações entre professor e aluno, e também de transformação social. Em ambos movimentos a avaliação escolar tem meios de colaborar e também de sofrer modificações essenciais.

Confirmando este pensamento, segundo BERTAGNA,

*“(...) se o ritual pedagógico reproduz, também carrega elementos de transformação, cabendo utilizá-los na perspectiva de superar as relações existentes”.* (2002)

Esta posição da escola como agente transformador da realidade social não pode ser esperada da escola como um todo, mas sim no interior de cada sala de aula o papel transformador pode ser exercido quando são mudadas as figuras existentes na relação escolar, ou seja, o tempo que o aluno está na escola ser realmente utilizado para a transmissão e (re) construção dos conhecimentos pelos alunos, relacionamento entre os sujeitos não de maneira comparativa, mas sim de cooperação em busca da autonomia.

BERTAGNA (2002: 236) nos possibilita olhar outros autores como Sobierajski e suas considerações sobre avaliação e que ressaltam aspectos já expostos.

*“(...) primeiro, a avaliação tem função legitimadora na escola capitalista, na qual os professores utilizarão a classificação dos alunos para legitimar a eliminação dos menos aptos; segundo reconhece as condições de existência da avaliação e seus limites históricos de atuação. Faz-se necessário recobrar o significado da avaliação da aprendizagem, ressaltando sua importância como meio para se atingir uma boa qualidade de ensino. Com base na segunda consideração é que emerge a possibilidade da compreensão da avaliação como mecanismo de transformação, de luta e, não apenas como mantenedora de uma dada situação”.*

---

Este movimento de transformação que a avaliação pode alavancar esbarra em outros apontamentos que necessitam ser esclarecidos ainda. Um deles é o processo que o aluno enfrenta de maneira implícita quando entra na escola. Este conceito é trazido por Bourdieu e Passeron, (1992) como **eliminação sem exame**, ou seja, é o processo que o estudante vive dentro do espaço escolar sem a necessidade da eliminação pelos processos avaliativos. Este fenômeno também abrange os estudantes que já estão fora do espaço escolar. Temos também a contribuição de Freitas (1991) quando aprofunda esta idéia no conceito de manutenção/eliminação. Segundo este autor a eliminação e manutenção são opostas e complementares, sendo viabilizados pela avaliação, ou seja, a mesma avaliação que elimina o aluno das classes populares da escola também pode manter este sujeito dentro do espaço escolar.

A manutenção das classes populares na escola pode permitir que o processo transformador da educação venha a acontecer como possibilidade de mudança. O processo de manutenção de nenhuma maneira é claro ou permitido pela hegemonia dominante, ou seja, os instrumentos utilizados neste processo dificultam a permanência e até mesmo contribuem para a idéia já apresentada de acesso como ingresso e não como permanência do sujeito na escola.

Além disso, estes procedimentos de avaliação não só eliminam, mas têm em seu âmago o poder de hierarquia, implícitos na sua aplicação.

Bertagna (2002: 237) coloca em quatro níveis as conseqüências ocultas no processo de avaliação e que ocorrem desde o ingresso do aluno até a eliminação pelo exame avaliativo. Estes estágios vão além da constatação propriamente dita, mas também revelam como estes estágios contribuem para o espaçamento entre o trabalho manual e o trabalho intelectual à medida que estes estágios acontecem.

1. O primeiro estágio está ligado à permanência da classe dominante em profissões nobres, pelas próprias condições oferecidas nas escolas que esta demanda da população ocupa.

- 
2. O segundo está vinculado à permanência do aluno da classe popular na escola, ou uma eliminação adiada. Esta manutenção provisória contribui com as classes populares na medida em que permite um nível de instrução possível de ser empregada em profissões menos nobres.
  3. O terceiro nível já nos remete a idéia da evasão, isto é, o próprio processo educativo e seus procedimentos levam o sujeito à exclusão pura e simples do espaço escolar. Este ainda pode ser considerado como manutenção adiada.
  4. O último nível diz respeito à eliminação já como privação do acesso das camadas populares ao espaço escolar. Podemos considerar aqui que o nível de instrução obriga o sujeito a entrar no mercado de trabalho através do emprego do trabalho manual. Vemos então que conforme os níveis vão sendo aprofundados eles também exigem e obrigam as camadas populares a estar nas esferas de trabalho manual, enquanto que a camada dominante permanece no trabalho intelectual.

Quando tratamos destes níveis colocados por Freitas entramos não só no aspecto implícito da eliminação pela avaliação, como também nos procedimentos utilizados pela escola para provocar a evasão e a eliminação propriamente dita. Isto é, os procedimentos que a escola usa para legitimar o acesso como ingresso as salas de aula. Neste momento, podemos buscar as respostas para os questionamentos levantados anteriormente quanto aos instrumentos de avaliação usados na e pela escola e o papel que estes exercem na vida escolar do sujeito.

### **1.3 O tripé da avaliação – avaliador, avaliado e instrumentos.**

Quando iniciamos este trabalho sobre avaliação levantamos alguns significados e sentimentos que esta palavra exerce sobre os agentes da escola. Aqui vamos

aprofundar estes conceitos não só em relação aos instrumentos, mas também em relação aos papéis incorporados pelos sujeitos quando em situação de avaliação.

Podemos definir esta relação em três instâncias formais:

- O professor que avalia, então avaliador;
- O aluno que sofre a avaliação, ou seja, o sujeito avaliado;
- Os instrumentos usados no processo de avaliação como critérios e meios de mensurar o desenvolvimento do avaliado em relação ao conhecimento.

Como já citado, muitos professores exercem seu papel de mediador dentro do espaço sala de aula, através da autoridade. Sua função, portanto, é a de controlador e mantenedor da ordem estabelecida, tanto física como cognitivamente. Para que isto ocorra são necessários recursos bem definidos e que assegurem o desenvolvimento do trabalho.

Desta maneira, os professores lançam mão de instrumentos de avaliação tanto para controlar os alunos como meio de legitimar o ingresso, quanto para fazê-los permanecer na escola.

Neste papel de autoridade o professor que avalia tem a missão de decidir quem está apto a seguir de uma série a outra ou a reprovar. E numa pequena escala, em definir aquilo que o aluno aprendeu numa unidade de ensino ou não. Esta avaliação não assegura que o conhecimento não aprendido pelo aluno seja revisado, nem sequer abre a possibilidade de uma nova oportunidade de aprendizado, mas sim de mensurar, de pontuar o que foi aprendido e o que não foi.

Desta maneira, o professor passa a ter sobre ele a responsabilidade de aprovar ou não seu aluno da mesma maneira que um juiz, ou seja, proclamando a decisão se aprovado ou condenando a repetir um determinado trabalho.

De forma alguma temos a pretensão de julgar que todos os professores exercem seu papel desta maneira. Pelo contrário, encontramos na literatura muitas experiências de professores que lutaram para que a avaliação viesse a fazer parte da possibilidade de transformação da realidade escolar e não da reprodução de modelos já superados de educação. Nesse sentido, Hoffmann trabalha com grupos de professores e contribui em suas obras com os estudos de caso feitos com grupos de educadores.

Num deles a autora consegue trazer à tona uma discussão muito presente, mas também muito implícita na sala de aula. Segundo ela, há uma dicotomia por parte dos professores nos momentos do ato educativo e do ato avaliativo. Os dois atos acontecem de maneira distinta e não relacionadas, em tempos distintos e não relacionados.

Por exemplo, podemos perceber o caráter educativo no cotidiano da sala de aula, quando o professor mantém contato direto com seus alunos, conhecendo o processo de aprendizado de cada um deles, mantendo uma postura afetiva com a turma buscando compreender e solucionar suas dificuldades. Conforme HOFFMANN (2000: 15-16)

*"Ao final de um semestre ou bimestre, entretanto, enfrentam a tarefa de transformar suas observações (significativas e consistentes) em registros anacrônicos, sob a forma de conceitos classificatórios ou listagens de comportamentos estanques (elaborados em Gabinetes de Supervisão e Orientação). Esse professor não compreende, e com toda razão, esse segundo momento como educação. Violenta-se e cumpre a exigência da escola sem perceber que a ação de avaliar se fez presente e de forma efetiva na sua ação educativa. E que o equívoco se encontra nas exigências burocráticas da escola e do sistema".*

Neste caminho, levantando os questionamentos em relação ao avaliador e ao mesmo tempo ressaltando a situação de profissionais que têm buscado um novo parâmetro de avaliação, podemos atentar para o sujeito que sofre a avaliação e suas conseqüências.

Já conhecemos a visão colocada sobre o professor dentro do espaço escolar como aquele que ensina, que transmite o conhecimento e que depois mensura, dá valor ao que foi ou não aprendido.

Como já colocado neste trabalho o aluno quando entra na escola já está em posição de luta (mesmo que implicitamente) tanto em relação ao seu ingresso para conseguir uma vaga, como em luta pela sua permanência e manutenção.

Nesse sentido, o aluno é o sujeito passivo da ação, o que depende, o que necessita da transmissão do outro (professor) para aprender. O aluno também é o sujeito que necessita ser controlado pela rede de segurança que a escola forma a fim de manter a ordem estabelecida.

Assim, nesta rede de segurança para manter a ordem encontram-se os instrumentos utilizados pelo sistema de ensino e pela escola para quantificar seu aprendizado e também para controlar a ordem estabelecida.

Entre os instrumentos utilizados pelos professores encontramos as provas e as notas para definir aquilo que foi aprendido ou não pelos alunos. Encontramos nesta atividade que faz parte da ação educativa um dos únicos meios utilizados pelo professor para a ação avaliativa. Isso posto, as provas não são auxiliares para aquisição do conhecimento, na identificação das dificuldades do aluno para posteriormente superá-las através de um trabalho sistematizado nas dúvidas do aluno. A prova serve para medir e comparar, mensurar e determinar o que foi ou não aprendido. O desenvolvimento da ação educativa quando finalizada através de provas fica restrita a atribuição de um juízo de valor numa escala determinada pelo professor. Após a atribuição há a classificação do aluno em aprovado ou reprovado. A prática da prova como meio de avaliação é principalmente utilizada por professores que trabalham com

Ensino Fundamental II. Diversos autores citam o distanciamento do aluno e professor como motivo para o uso deste recurso. Segundo a literatura a estrutura a qual a escola está configurada não permite o contato direto do professor deste nível de ensino com seus alunos, portanto não há tempo/espaço para o conhecimento das compreensões e dificuldades dos educandos. A ação educativa e a ação avaliativa são mais fáceis de acontecer conjuntamente nas séries as quais alunos e professores estão juntos por um tempo maior.

Há também a dificuldade contrária enfrentada pelos professores das séries iniciais. Como o trabalho destes professores é muito direto com seus alunos, tanto em tempo como em relacionamento, a dificuldade reside em transformar todo o conhecimento que o professor tem de cada aluno em mensurações técnicas e numéricas. O caráter burocrático do sistema educacional entra na sala de aula exigindo uma posição determinista do professor.

A utilização da prova abre um novo campo de análise sobre a prática educativa e avaliativa: o olhar dos professores muitas vezes fica restrito ao resultado da prova, pois este é um instrumento formal da escola, ou seja, a prova é como um documento daquilo que o aluno aprendeu ou não.

Além disso, a prova é usada como um elástico nas relações entre aluno e professor. Isto é, dependendo da necessidade de controle e manutenção da ordem à exigência em relação à prova pode restringir a ação dos alunos ou alargar a exigência em relação ao conteúdo. Assim vemos que a prova também tem o caráter disciplinador quando usada para controlar o comportamento esperado pela escola/sociedade em relação aos alunos.

Para o professor há também a exigência da instituição escolar em apresentar os resultados obtidos as provas pelos alunos. Assim, pode haver também o alargamento das exigências por parte do professor. Segundo BERTAGNA (2002: 238),

---

*“Se necessário, facilitam para que os alunos obtenham resultados positivos, pois estes refletem formalmente a competência dos professores”.*

Na estrutura da escola capitalista não encontramos somente a prova como recurso de avaliação. Há instrumentos também usados no dia-a-dia como participação, responsabilidade e comportamento que fazem com que os alunos sejam mais ativos as aulas nos padrões esperados pelos professores. Vale ressaltar que quando colocamos participação como instrumento da ação avaliativa, não estamos falando de participação atuante nos momentos de decisão, de planejamento, de poder decisório, mas sim participação nas atividades impostas pelo professor para todos os alunos. Esta se restringe a leituras, lições escritas, tarefas de casa e comportamento já esperados.

Todos estes meios de realizar a prática avaliativa trazem para os meios burocráticos a mensuração de todo este trabalho. Esta mensuração conduz à nota relativa ao que o aluno aprendeu ou não, do que apresentou ou não. Esta mensuração na verdade é uma tentativa de medir aquilo que o aluno tem produzido.

HOFFMANN (2000)<sup>6</sup> contribui com esta discussão desvelando o significado do termo medir:

*“Pelo seu significado próprio, medimos extensão, quantidade, volume e outros atributos dos objetos e fenômenos”.*

Desta maneira a medição necessita ser transferida a uma escala numérica, segundo Linderman (1972, apud HOFFMANN, 2000). O sistema escolar cria meios burocráticos para que esta medição seja legitimada através dos regimentos escolares.

Hoffmann ainda chama a atenção para dois tipos de comportamentos ocorridos na escola e citados acima. Estes podem ou não ser medidos, ou seja, as presenças do aluno e as ausências, o número de livros lidos, as atividades apresentadas, os acertos na

---

<sup>6</sup> HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

---

prova. No entanto, a escola acaba por atribuir a medição também a aspectos da vida escolar do aluno como, comprometimento, interesse e outras atividades como desenhos, redações.

A medição, então, passa a ser um meio de classificar a atuação do aluno na escola em nota (numa escala numérica) ou conceito. O perigo desta prática é a arbitrariedade que pode ocorrer por se querer escalonar algo que não pode ser medido, como os comportamentos atitudinais dos alunos. Essa arbitrariedade acontece, pois o aluno é “medido” pelo que o professor vê, pela sua percepção geral, pela sua impressão de um sujeito muitas vezes desconhecido.

*“(..) muitas notas são atribuídas aos alunos arbitrariamente, ou seja, por critérios individuais, vagos e confusos, ou precisos demais para determinadas situações”.<sup>7</sup>*

A adição e subtração de pontos desta escala abriga aí uma estratégia do modelo capitalista de produção: a competição. Diante de trabalhos de sujeitos desconhecidos ou do modelo ideal de estudante que o professor espera, as notas só podem ser atribuídas quando este sujeito é comparado ao modelo que o professor deseja. Como o modelo predominante é do aluno nota 10, então a comparação feita com os outros acarreta em notas melhores ou piores de acordo com a comparação. A subjetividade acaba por abrir espaço numa relação em que se espera a medição precisa, ou esperada pelo professor.

A medição, a atribuição de nota, é levada ao aluno como decorrente a ele próprio, ou seja, o fracasso pela nota baixa é pessoal, é do próprio aluno, enquanto que o sucesso nas notas altas permite ao aluno ser olhado de maneira especial pelo professor, escola e sociedade.

Desta maneira, encontramos na atribuição da nota uma das bases para a saída do aluno da escola, assim como a manutenção adiada daquele que “tira notas boas”. A nota vem contribuir para a comparação e não possibilita a reflexão dos sujeitos e a

---

<sup>7</sup> Idem 2000: 46.

---

construção do conhecimento. A prova ou teste acaba por ser a resposta ao que foi aprendido ou não e o ponto de chegada, não o ponto de partida para a transformação.

Na experiência de HOFFMANN com grupos de professores a autora conclui,

*“Essas arbitrariedades fazem parte de nossa história como estudantes. Algumas vezes convivemos com professores que só corrigem os trabalhos após tê-los todos em mãos. Dizem, inclusive, precisar de uma ‘base’ para ‘dar a nota’.*

*Essa referida base é justamente a necessidade de comparar os alunos, encontrar o trabalho nota 10, como ponto de partida na classificação dos demais”.*(2000: 48)

Por fim, a nota legitima a posição que o aluno ocupa na classe, e posteriormente a sua posição social. A nota classifica, controla, julga e compara os alunos. Segundo BERTAGNA (2002: 237)

*“Os alunos passam a ser categorizados em função das notas e associam as mesmas à sua imagem e auto-estima”.*

#### **1.4 Nota: resultado arbitrário ou possibilidade de mudança**

Os questionamentos levantados até aqui revelaram o caráter de exclusão que a nota apresenta para os alunos do atual sistema escolar, no entanto, podemos também olhar para esta prática como um meio de se chegar ao diálogo entre os sujeitos da escola e buscar um novo modelo de avaliação.

Hadji (1994, apud BERTAGNA, 2002) nos traz que o mito da nota justifica-se ao ponto que olhamos para ela como produto da avaliação. Ou seja, as notas são vistas como o ponto de chegada do processo educativo, enquanto deveriam ser vistas como ponto de partida da ação educativa e não somente avaliativa. O que se propõe é a

mudança de foco, a mudança do olhar que está sobre a relação do aluno com o conhecimento científico, sobre a maneira de como sistematizar este conhecimento e de como legitimar se o aluno apropriou dos conhecimentos trabalhados.

Esta mudança exige um novo olhar sobre o sujeito desta relação. Deve ser entendida como a tentativa de suprir as necessidades do aluno, de um contato mais próximo com os educandos, de busca da compreensão e da superação das dificuldades encontradas por estes durante a aquisição do conhecimento. Isso leva a maiores possibilidades de desmistificar o valor atribuído à nota e aumenta a possibilidade do aluno de se manter na escola.

Conforme já indicado, a nota carrega consigo o papel de legitimação da aquisição ou não do conhecimento pelo aluno. Sendo assim, a nota pode ser considerada um símbolo de transmissão de informação tanto na escola, como na sociedade. Hadji contribui com uma possibilidade de analisarmos a existência da nota na escola como símbolo de transmissão de informação e de mudança do mito,

*“Se essa informação nos permite fazer o ponto da situação, então é o lugar que importa e não o resultado numérico se serve para materializar a um nível de competência, por que privarmo-nos dela? Mas se a nota apenas dá testemunho da persistência do mito do valor verdadeiro, e é apenas o instrumento de perspectivas que nada têm a ver com avaliação – a manutenção da ordem ou imposição de força -, seria melhor deixarmos de usar” (Hadji, 1994: 108, apud FREITAS, 2002.)*

Portanto, a nota pode trazer consigo, além da transmissão de uma informação, a classificação que condiciona a posição do aluno na escola. Favorece a definição da posição social deste aluno futuramente na sociedade. A nota pode gerar a competição, a frustração, a categorização. Vemos também no interior das salas de aula a elevação da auto-estima daqueles que são contemplados com uma nota alta e uma autodesvalorização daqueles que apresentam dificuldades.

---

Uma terceira perspectiva também se apresenta: pelo caráter psicológico apresentado, a nota é considerada também como forma de motivação para os estudantes. No entanto, corre-se o risco do aluno não valorizar o conhecimento aprendido, mas sim o fato de ter se livrado desta etapa do trabalho. Enquanto isso, os alunos que não obtêm notas altas permanecem com as dificuldades apresentadas, ou em espaços legitimados no calendário letivo como o da recuperação da nota.

Resgatando as idéias colocadas no início deste trabalho, podemos retomar a função da escola na sociedade capitalista e agora a avaliação como meio de adaptação do sujeito ao processo de trabalho, ou como BERTAGNA coloca, os processos avaliativos,

*“(...) reafirmam e preparam os alunos para conviverem amistosamente com as relações de trabalho criadas no âmbito social”.*

Ainda,

*“Dessa maneira, passa-se a compreender que tudo e todos devem ser avaliados, transferindo essa experiência para a vida extra-escolar.*

*Essa avaliação passa a extrapolar a dimensão cognitiva, abrangendo também os comportamentos, como ocorre nas relações escolares e sociais”.(BERTAGNA, 2002: 243).*

Com as idéias apresentadas contemplamos diversos focos que a avaliação e seu caráter de mensuração apresentam nas escolas. Entretanto a mensuração, a conquista da nota alta ou baixa não se caracterizam neste processo como os únicos meios nos quais a ação avaliativa é pautada. Isto é, a aprovação/reprovação acontece também por caminhos que não estão legitimados primeiramente por teste ou prova escrita, mas sim através das relações entre os sujeitos. Como já mencionamos em relação à eliminação, podemos considerar este processo como a avaliação sem exame.

---

## 1.5. Avaliação sem exame: o caráter formal e informal

Em diversos momentos deste texto pudemos olhar as práticas avaliativas realizadas na escola pelo seu aspecto formal, ou seja, a avaliação legitimada em sala de aula, trabalhos regulamentados e esperados no ambiente escolar. No entanto uma outra avaliação também acontece, concomitantemente à avaliação formal: é a avaliação informal.

Esta é constituída pelo tempo entre a entrega de um trabalho e o momento de correção, pelos juízos de valor atribuídos a uma prova mediante outros comportamentos que estão implícitos ao movimento da sala de aula. Por exemplo, no momento em que o professor vai atribuir uma nota a um trabalho e utiliza outros motivos para dar uma nota oito ou dez, dependendo da participação do aluno, do seu comportamento, entre outros.

É neste momento de reflexão, de exaltar as habilidades ou condenar as dificuldades apresentadas fora da avaliação formal, ou seja, do que estava planejado na estrutura escolar, que a avaliação informal se faz presente.

Os dois movimentos (formal e informal) acontecem conjuntamente e interagem pois criam um espaço entre a produção do aluno e a mensuração de uma nota ou conceito. É neste espaço que pode acontecer a arbitrariedade com relação ao juízo de valor do que o aluno produziu.

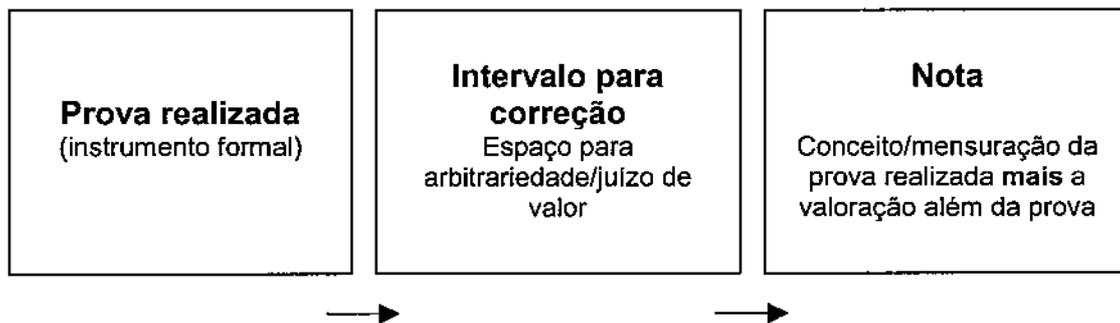
De acordo com ERTAGNA (2002: 251)

*“O que se evidencia é que, antes do fechamento das notas obtidas pelos alunos formalmente, o professor já construiu um julgamento sobre o desempenho do aluno, através da vivência escolar, calcado nos valores constituídos pelo professor”.*

A avaliação informal também acontece por outros motivos que estão além da sala de aula como: pressão dos pais, professores, da própria estrutura escolar e da sociedade

capitalista. Esta avaliação é vivenciada em todo processo escolar, de maneira implícita ou explícita, dependendo do que é passado para os alunos como critério de avaliação.

É na relação entre avaliação formal e informal que a exigência do bom comportamento torna-se um critério de avaliação, que o ponto positivo ou negativo torna-se propulsor de motivação. Estes e outros recursos são colocados, passando da informalidade (como critério do professor e não exposto para o aluno, nem para escola), através da arbitrariedade (se o aluno merece ou não), chegando na avaliação formal e incorporados à nota. Como no esquema abaixo:



Os acontecimentos das avaliações formal e informal constituem rituais pedagógicos aos quais o movimento de trabalho e comportamento esperado pelas camadas dominantes fazem com que os sujeitos incorporem as representações da classe dominante como movimentos naturais e relativos.

Desta maneira os acontecimentos relativizados tentam tirar do sujeito a possibilidade de reflexão e o vislumbre de possível mudança.

Permeada pelos juízos de valor feitos pelo professor e pela comunidade escolar, o resultado final da nota acaba sendo influenciado por esses julgamentos do professor. Depois da avaliação informal os resultados da avaliação formal podem ser alterados pela subjetividade e arbitrariedade da figura do professor e incorporados aos rituais pedagógicos.

---

Como a avaliação informal ultrapassa os limites da sala de aula e da escola chegando até mesmo fazer parte da família dos alunos, nosso olhar estará voltado, a partir de agora, para o papel da família nos processos de avaliação.

### **1.6. Família e processos avaliativos**

Entendemos que a educação atual seja influenciada pelas camadas dominantes. Com esta constatação pudemos olhar também o caráter de docilidade e domesticação aos quais a criança começa a passar desde que chegada à escola. Esta modelagem não passa despercebida do resto da sociedade, mas sim é reforçada pela propaganda de que a escola é o espaço e tempo para ascensão social através de boas notas e bom comportamento, entre outros fatores.

Neste momento tentaremos focalizar como as notas, as provas e o sistema de ação avaliativa ocorrem nos outros espaços em que a criança está inserida, ou seja, a família e a sociedade.

MALVAZI<sup>8</sup> faz esta análise baseando-se na idéia de que a avaliação acontece permanentemente entre as pessoas, atribuindo valoração a critérios como certo e errado. Mas é no interior da escola que a avaliação aparece como meio de aprovação e reprovação pois é legitimada e estimulada por esta instituição social.

Malavazi situa seu estudo na identificação de olhares que os sujeitos têm perante os processos avaliativos e sua relação entre família e sociedade. A autora examina a relação concomitante existente entre a família e a escola, na qual a família lança expectativas e julgamentos à escola, e a escola à família. Isso quer dizer que ambas instituições permanecem em relação de mútua avaliação. A escola valorando o aluno e a família avaliando o filho, no caso, aluno.

A autora recorre a um tripé elaborado por Freitas, no qual indica pontos em que a avaliação escolar está baseada, ou seja:

---

<sup>8</sup> MALVAZI, Maria Marcia Sigris. *Os processos avaliativos: entre pais e a vida escolar*. In: FREITAS, Luiz Carlos (org). *Avaliação: construindo o campo e a crítica*. Florianópolis: Insular, 2002, p. 215.

- 
- **Avaliação da aprendizagem**, ou seja, do conhecimento transmitido pela escola, no âmbito da instrução.
  
  - **Avaliação do comportamento**, a qual avalia ações de disciplina e comportamento desejados pela escola.
  
  - **Avaliação de valores e atitudes**, isto é, a escola avalia também as atitudes e valores dos seus sujeitos.

Podemos perceber que a avaliação escolar diz respeito à avaliação formal já descrita anteriormente. Enquanto isso, a avaliação do comportamento e a avaliação valorativa estão inseridas no âmbito da avaliação informal. Segundo a autora, esta avaliação não é menos importante que a formal, mas sim possibilita a aprovação e reprovação da mesma forma que a avaliação puramente formal. Além disso, a avaliação informal traz consigo a força da exclusão mediante palavras, tratamento agressivo ou ofensivo ao aluno constituindo neste uma imagem negativa de si mesmo, assim como uma auto-estima baixa.

Malavazi analisa, em seu estudo, que a relação estabelecida pelos pais com o trabalho da escola quase sempre está atrelado à avaliação informal, ou seja, a preocupação com o comportamento, com a disciplina, com os valores. Segundo a autora (2002: 218),

*“A ação dos pais em relação à vida escolar do aluno está freqüentemente situada neste campo da avaliação (informal), indicando que ela pode projetar e elevar a auto-estima de seus membros como pode, por motivos variados, produzir baixa auto-estima de seus membros como pode, por motivos variados, produzir baixa auto-estima, resultando na insegurança e na imaturidade deles”.*

Desta maneira, é estabelecida uma relação na qual tanto a família avalia a escola e o aluno, assim como a escola também avalia a família e o aluno.

---

Esta relação não é posta claramente no sentido burocrático, mas sim no convívio dos sujeitos com a escola, com professores, funcionários e também na fala dos próprios alunos. Assim também acontece com a escola que avalia a família deste aluno de maneira sutil e constante.

Esta relação fica mais explícita quando a colocamos na realidade da sala de aula, em situação vivenciada cotidianamente. Por exemplo, um aluno não faz a lição de casa por não ter entendido aquilo que a lição exigia. A família pode formular um conceito de que a escola não está dando atenção necessária ao desenvolvimento da atividade, conseqüentemente a escola recebe um conceito negativo da família que a avalia.

Quando a escola sabe que o aluno não fez a lição pode, arbitrariamente, julgar que a família não é comprometida com o trabalho pedagógico da escola. Este exemplo curto vem nos mostrar a valoração que as duas instituições fazem delas mesmas no dia-a-dia, ficando o aluno no meio dessa situação.

Também é colocado no estudo em questão, um novo olhar sobre avaliação, não mais a exclusiva, classificatória, mas sim a avaliação inclusiva, ou seja, a qual onde o aluno tem a possibilidade de refletir, de pensar, de se tornar um sujeito afetivo e de reconhecer no conhecimento científico maneiras de se viver bem coletivamente.

Com esta proposta, a avaliação precisaria deixar de ter seu foco na reprovação, mas sim na aprovação do aluno.

A autora cita quatro situações da vida do sujeito aluno e nos traz o olhar sobre como a avaliação de atitudes e valores acontece em cada uma delas, tentando identificar a ação dos pais em cada uma delas.

A primeira situação apresentada é a **retenção escolar**. Situação temporal que não acontece na vida de todos os estudantes.

---

Nesta situação podemos identificar a avaliação informal presente nas falas que expressam tanto sentimentos de vergonha, de revolta, de insegurança.

O fato de o aluno ter sido retido numa série escolar pode atingir aos elementos da família tanto conduzindo à culpa como à revolta. Malavazi nos permite olhar a situação para além das dificuldades do aluno, olhando assim os sentimentos dos pais como reguladores de suas ações, tanto no sentido positivo como negativo.

De maneira positiva a família pode tentar ajudar a compreender, a superar as dificuldades através do afeto, da transmissão de segurança. A regulação também pode ser negativa quando é baseada na raiva, abandono da situação, incompreensão ou outros meios agressivos, coercitivos e impositivos.

Em ambas situações a avaliação informal se faz presente nas atitudes e na valoração que a família e a escola fazem uma da outra.

No caso da retenção escolar das camadas populares a avaliação informal pode ser mais incisiva na relação escola para a família, do que o contrário, pois a escola avalia também (mesmo que informalmente) a situação familiar do aluno e delega arbitrariamente o mau desempenho do aluno na escola por uma falta de atendimento em casa. Esta não deixa de ser uma pressão constituída ano a ano e que pressiona o aluno a sair da escola.

A avaliação de atitudes está aqui imbricada também no processo contrário, isto é, aprovação. Palavras de motivação, elogios constituem avaliação informal.

Como um dos últimos processos de aprovação esperados pelos pais ao final da educação básica, encontramos o vestibular. A aprovação neste processo de seleção ou conclusão de curso do ensino técnico possibilita ao aluno o possível (ou esperado) ingresso no mercado de trabalho. Esta é a segunda situação estudada pela autora.

---

A **relação aluno, família e mercado de trabalho** também é analisada como permeada pela avaliação de atitudes quando a família determina para a escola aquilo que é necessário ao seu filho, mediante o ingresso no mercado de trabalho.

Esta relação se faz presente nas famílias de classe média, as quais visam ingressar seus filhos em situações de concorrência igualada à elite, ou seja, as famílias preparam seus filhos para a competitividade do mercado de trabalho.

Desta maneira, a família espera garantias de que a escola manterá seus filhos atualizados, preparando-os para lutar por uma vaga. Este mercado de trabalho é muitas vezes iniciado no acesso ao ensino universitário, mediante vestibular.

Notamos claramente a avaliação de atitudes quando estas famílias se preocupam em exigir da escola posicionamento, atualização, preparação dos alunos.

Conseqüentemente,

*“(...) a avaliação acaba por ser um instrumento forte para determinar o comportamento do indivíduo, para definir valores e atitudes e para atribuir notas que classificam os indivíduos em bons e ruins. A avaliação que aparentemente aconteceria só no interior da escola revela-se como reflexo de um sistema social mais amplo”.*(MALAVAZI, 2002: 221).

A escola se depara também com a situação oposta dos pais que exigem dela um posicionamento como preparatória dos alunos. Encontramos também a **família ausente**, ou seja, a situação familiar na qual o aluno é atendido somente pela escola em relação a educação. A família transfere suas responsabilidades não só à instituição escolar, como também aos outros espaços que a criança/adolescente convive como academias, escolas de idiomas, entre outros.

O último nível de relação da avaliação informal que Malavazi nos propõe é a efetiva **escolha profissional**. Para as famílias de classe média que já buscam o caminho

---

para o mercado de trabalho desde a infância de seus filhos através de uma escola que os prepare para isto, este é o momento crucial para que toda esta preparação seja efetivada nas provas e exames classificatórios, seja para uma vaga de emprego, seja para o acesso ao ensino universitário.

A autora ainda nos permite olhar que não só a família comprometida com a preparação de seus filhos tenta decidir por eles, mas também as famílias ausentes podem neste momento tentar entrar nas decisões do filho. As falas de entusiasmo e mesmo de ajuda a esta escolha carregam muito da avaliação de valores que a família faz dos filhos, da escola, do curso preparatório.

Estes quatro tempos, espaços, situações postos nos permitem olhar o quanto a avaliação está imbricada no cotidiano das pessoas não sendo somente a avaliação formal, mas principalmente a informal. Este olhar também nos possibilita conhecer o caráter que a avaliação adquire na classe média. Esta procurará escolas particulares para seus filhos em busca da preparação para o mercado de trabalho e conseqüente “vida melhor”. Dessa forma, sentem de maneira mais amena o caráter de exclusão posto no início deste trabalho.

Podemos dizer que as camadas da população dependentes da escola pública sofrem maior pressão do sistema para a evasão, mesmo que lutando para a manutenção. Para esta camada a avaliação informal está mais associada ao comportamento, à disciplina e à busca por uma posição melhor na sociedade, via espaço escolar.

• Já para a classe média a ascensão não se dá somente na escola, mas principalmente no mercado de trabalho e a avaliação informal acontece também pela família em relação à escola, determinando suas vontades, seus anseios. Devido à grande maioria dos seus filhos estarem em escolas da rede privada de ensino, a família pode escolher o tipo de educação que melhor se ajusta àquilo que deseja no futuro. Não podemos deixar de expor aqui o quanto à avaliação informal da família sobre a escola pressiona o espaço escolar a ser como a família deseja. Por isso, podemos constatar situações em que a família atribui responsabilidades suas para a escola. O projeto político pedagógico acaba por apresentar falhas mediante situações trazidas e soluções

---

de problemas exigidas pelos pais, assim como a pressão sofrida por professores no momento de atribuir nota ou cumprir com combinados feitos em sala que esbarram no crivo da família quando esta toma consciência da situação da escola.

Vemos muito mais a família se envolver na escola da classe média do que a família popular chegar à escola pública, enquanto que a escola pública também se envolve na família de classe popular de maneira incisiva quando falamos de evasão escolar. A avaliação arbitrária muda os rumos de vida de alunos da escola pública de maneira definitiva quando ocorre a evasão do sujeito do espaço escolar.

Colocados os eixos de análise sobre avaliação, podemos pensar: O que fazer? Como então prosseguir? Abandonar a avaliação? Aderir aos movimentos que temos visto de progressão continuada? Ou ao avaliar?

A seguir, conheceremos uma proposta pedagógica constituída para as classes populares, na qual a avaliação se encontra presente durante todo o trabalho escolar. Depois de conhecermos seus instrumentos de avaliação poderemos retomar os eixos colocados até aqui e buscar respostas aos questionamentos postos.

A pedagogia Freinet, ou Pedagogia do Trabalho terá o nosso olhar a partir de agora.

---

## Capítulo 2 -Pedagogia Freinet ou Pedagogia do Trabalho: O que ela nos tem a dizer sobre avaliação escolar?

Para conhecermos a Pedagogia Freinet vamos olhar quem foi este pesquisador que organizou um movimento em diversos países conhecido como Movimento da Escola Moderna.

### 2.1 Quem foi Freinet?

Celéstin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, no sul da França. Teve sua infância marcada pelo trabalho como pastor e realizou seus estudos na Escola Normal de Nice. Com o início da I Guerra Mundial, Freinet alistou-se ao Exército e em contato com gases tóxicos teve seus pulmões comprometidos. Por muitos anos esteve em hospitais e foi até mesmo desenganado pelos médicos. Mesmo assim sua vontade de viver fez com que concretizasse sua escolha profissional: professor primário.

Começou o seu trabalho relacionado à educação em 1920. Insatisfeito com o ensino tradicional nas escolas, Freinet criou um revolucionário trabalho de modernização e democratização do ensino.

Em 1920, Freinet iniciou seu trabalho na pequena aldeia de Bars-sur-Loup, sem condições adequadas nas instalações da escola, que era organizada de maneira tradicional até então. Elise Freinet, que mais tarde tornou-se sua esposa relata a situação da escola que Celéstin encontrou:

*“A sala de aula em que Freinet entra pela primeira vez é uma sala de aula tradicional nas escolas oficiais: carteiras dispostas em filas, estrado para o professor, cabides pregados na parede, quadro preto num cavalete...” (FREINET: 2001)<sup>9</sup>*

---

<sup>9</sup> FREINET, Celéstin. *Para uma escola do povo: guia prático para organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

---

Quando começou seu trabalho na escola primária francesa, Freinet assumiu o cargo de professor adjunto numa sala de crianças entre cinco e oito anos. Em contato com os alunos na prática pedagógica, Freinet ainda permanecia como professor titular durante parte do dia. Nestes momentos Freinet pôde perceber que as crianças não tinham interesse nas aulas ministradas. A atenção dos alunos estava do lado de fora, naquilo que acontecia nas ruas e na natureza.

No período da tarde, quando Freinet ministrava as aulas, iniciou seu trabalho a partir das observações que fazia. Como Freinet estava iniciando seu trabalho através do interesse das crianças, sua preocupação não estava nos conteúdos organizados pelo sistema escolar ou na posição das carteiras em fila, mas sim no interesse que as crianças tinham em estudar a natureza, os animais, a água dos rios. Pelas dificuldades que Freinet havia enfrentado em sua formação, nesta época recorria a outros teóricos para realizar seus estudos como Rousseau, Rabelais, Montaigne e, sobretudo Pestalozzi.

Depois de um tempo Freinet casou-se com Elise, artista plástica que veio trabalhar com ele e, juntos organizaram uma cooperativa (CEL – Cooperativa do Ensino Leigo) para publicação de materiais das crianças, correspondência escolar, entre outros trabalhos também com aldeões da cidade. Devido ao trabalho feito, começaram a receber muitas correspondências por causa das atividades desenvolvidas na Escola e na Cooperativa, isso iniciou uma certa hostilidade e desconfiança de alguns.

Célestin Freinet chegou a ser exonerado do cargo de professor na cidade de Sant Paul. Mas o casal dá continuidade aos trabalhos na Cooperativa, e sua escola é oficialmente inaugurada. Logo após isso começa a segunda Guerra Mundial.

O teórico foi preso e encaminhado ao campo de concentração de Var, lá ele ficou seriamente doente, mas enquanto estava mantido preso Freinet deu aulas para os seus companheiros. Elise Freinet lutou pela sua libertação e conseguiu. Logo após a sua liberdade Célestin Freinet se aliou ao Movimento da Resistência Francesa.

O casal e seus colaboradores desenvolveram o ICEM, na qual a cooperativa já reunia mais de 20 mil participantes. Algum tempo depois, começam a se preocupar com

---

o excesso de alunos em sala de aula e iniciaram uma campanha de âmbito nacional com o objetivo de se conseguir ter 25 alunos por sala de aula.

Depois de trabalhar efetivamente e ir além das condições que poderiam esperar de um professor primário, Freinet faleceu em Vence, no ano de 1966 em sua própria escola.

## **2.1 Necessidade e urgência de uma Pedagogia Moderna**

Quando assumiu a posição de professor adjunto da escola em Vence, Freinet passou a anotar e descrever suas observações, seus medos, a reação das crianças, enfim, aquilo que para o pesquisador é a base de análise de dados. Estes materiais fizeram com que Freinet delimitasse o grande problema da escola de sua época, ou seja, a escola que preparava o estudante para o trabalho em longo prazo, mas que não considerava o trabalho pedagógico como base motivadora para a criança, portanto a escola de sua época não olhava o interesse desta população infantil e juvenil.

O processo pedagógico fazia parte do “vir a ser quando adulto” e a escolástica imperava em processos de leitura e escrita sem contextualização, de maneira mecânica, com materiais produzidos pelo sistema escolar sem nem mesmo passar pelas mãos do professor afim de que este escolhesse os materiais ou até mesmo elaborasse aquilo que a sua turma necessitava.

A crítica de Freinet permanecia na estrutura a qual a escola estava alicerçada, ou seja, na transmissão de conhecimento pronto, na uniformidade do sujeito, na padronização do conhecimento, na seriação em idades e na exclusão daqueles que não acompanhavam. Ainda neste sistema encontrava-se a figura do professor como aquele que detinha um poder fictício em relação a aula, pois como já citado nem mesmo o professor podia intervir no processo de elaboração dos materiais.

Freinet ainda cita em seus escritos que o sistema escolar não se modernizava como a sociedade, mas sim permanecia com seus intuítos de manipulação, de domesticação da natureza humana.

---

Podemos aqui resgatar a citação colocada ao início deste trabalho, a qual nos mostra que mesmo sendo um homem preocupado com a sua sala de aula, Freinet tinha uma visão geral do sistema escolar da sua época. Suas reflexões mostravam uma preocupação real com a maneira que a escola já estava sendo estabelecida para o sistema de produção. O objetivo da escolarização já estava pautado na preparação para o trabalho e não para a vida em sociedade. A preparação para o trabalho referida aqui é a mesma colocada no início deste trabalho quando nos perguntávamos a quem a escola de hoje serve, ou seja, o trabalho para acúmulo de capital.

Muitas vezes ouvimos dizer que a Pedagogia Freinet também pode ser chamada de pedagogia do trabalho, necessitando neste ponto uma ressalva quanto à concepção de trabalho que o teórico defendia.

Seu olhar sobre o trabalho humano estava alicerçado nos estudos de Marx, isto é, o trabalho seria o

*“(...) fim maior do homem, onde este se identifica e realiza, Freinet defende que o trabalho deve ser o centro de toda atividade escolar”.*<sup>10</sup>

A atividade pedagógica precisaria então estar embasada nesta idéia, isto é, acreditando-se e realmente fazendo com que o trabalho do aluno o levasse a sentir satisfação, completude, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades do sujeito tanto cognitiva como socialmente.

Partindo deste princípio a atividade pedagógica que nasce da real necessidade e o interesse da criança faz com que esta não só trabalhe de maneira a completar seus projetos de estudo como também a faz estabelecer relações com outros sujeitos, vivenciar diversas situações de aprendizado na escola e não somente na sala de aula.

---

<sup>10</sup> VILLELA, Maria Fernanda Ferraz. *“A pedagogia Freinet e a escola pública: uma nova abordagem para um velho problema”*. In: Revista Pro-Posições, Campinas – n.º 4 – abril, 1991, p.53.

---

A motivação era uma das bases que Freinet utilizava para realizar seu projeto pedagógico. Partindo de suas observações, de seus estudos e trocas com outros professores, Freinet desenvolveu uma concepção de ensino que realmente partia da criança ou jovem e possibilitava o desenvolvimento psicológico, pedagógico, cognitivo e social dos seus alunos, partindo da importância dada à produção destes, assim como se dava importância ao trabalhador rural da época, ao trabalho do sapateiro ou dos comerciantes.

Considerando o trabalho como finalidade da ação humana no mundo, Freinet valorizava a ação dos seus alunos, motivando-os para serem trabalhadores dentro da escola, nas ruas e em todos os espaços e tempos, mesmo que este trabalho não pudesse ser comercializado, mas sim desfrutado pela comunidade escolar.

O contexto amplo da vida em sociedade levava os alunos a serem valorizados não só pelos agentes escolares, mas por todos que os cercavam. O respeito à ação humana quando vista e considerada como trabalho levava o aluno a ser visto como sujeito concreto, participante de uma sociedade concreta e que não ia à escola para vivenciar uma realidade imaginada por outros para eles, ou seja, o aluno na Pedagogia Freinet é visto como ser humano, independente da idade ou etnia, e como um participante no mundo, ao qual o trabalho motiva, traz a finalidade da existência humana.

Em relação à imagem do professor, na tradição escolástica, podemos resgatar a situação que o próprio Freinet encontrou quando foi trabalhar em Bar-sur-Loup, ou seja: estrado para o professor, mesa e cadeira grandes, poucos materiais lúdicos e pedagógicos, filas de carteiras, entre outros aspectos físicos. Mas os mais importantes estão na visão colocada sobre o sujeito professor: detentor do saber, aquele que transmite a informação, que verifica o quanto o aluno sabe devolver a ele o que foi ensinado, ou seja, o professor que avalia a prova em busca daquilo que o aluno não aprendeu.

---

Além disso, a avaliação adquire o caráter da avaliação informal já explicitado anteriormente. Podemos também pensar na ação educativa deste professor, pautada na repetição, na ordenação, na autoridade (e até mesmo autoritarismo).

Enquanto isso na Pedagogia Freinet,

*“O professor deve exercer uma posição ativa, orientando, ensinando, sistematizando conteúdos, sugerindo, canalizando as atividades para seu planejamento exigindo de seus alunos coerência, responsabilidade e comprometimento”.*(Idem, p.54).

Mediante suas observações e suas indagações, Freinet postula alguns princípios que norteiam sua metodologia de trabalho, quebrando grandes paradigmas da escola tradicional. Freinet entende que o processo de aprendizado do ser humano passa pelo Método Natural, superando, assim, idéias que a escolástica colocava como ideais.

## **2.2 Métodos tradicionais e métodos naturais**

Segundo Freinet, os métodos tradicionais são especificamente escolares, criados, experimentados realizados por um meio escolar que tem as suas finalidades, os seus modos de vida e de trabalho, a sua moral e as suas leis, diferentes das finalidades, dos modos de vida e de trabalho do modo não-escolar, ao qual Freinet denomina meio vivo.

Freinet não criticava estes métodos e sim a própria existência deste meio escolar, tal como existe, que ele considerava irracional, retardatária, perigosamente defasada em relação ao meio social e vivo contemporâneo.

Por este afastamento com a realidade social Freinet considerava o sistema escolar impotente para facilitar e preparar a educação bem compreendida, com sujeitos

---

capazes de construir uma nova realidade, mais justa, consciente de seus direitos, também capaz de cumprir os seus deveres no mundo que deve construir e dominar.

Segundo Freinet, a Escola Tradicional ensina uma moral verbal sem qualquer influência no comportamento das crianças e que visa apenas consolidar e justificar as práticas escolásticas de obediência passiva e de instrução dogmática.

É precisamente a forma – social e humana – da Escola, que conforme Freinet, temos de reconsiderar. Os ensinamentos da Escola Tradicional não têm ligação com o comportamento dos indivíduos e as exigências sociais no ambiente escolar.

É esta integração das técnicas na vida, a supressão deste hiato entre a Escola e o meio, que ele pretende realizar.

### **O que é um método natural?**

Freinet postula seus estudos na maneira natural a qual a criança aprende tanto a falar, como andar quando é estimulada. O autor defende a idéia de que o método natural é baseado no aprender social, ou seja, o aprender que a escola tradicional não valoriza, não considera.

Existe apenas uma maneira para a criança aprender a falar segundo o único processo natural e geral de tentativa experimental que foi definido por ele no livro *Ensaio de Psicologia Sensível*<sup>11</sup> aplicada à educação.

De acordo com os estudos de Freinet é no processo da criança soltar um grito acidental que esta percebe a possibilidade da linguagem. Esta consciência, de uma maneira mais intuitiva que formal e estimulada pelo ambiente, permite à criança um certo poder sobre o meio.

---

<sup>11</sup> FREINET, Celéstin. *Ensaio de Psicologia Sensível*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

---

O indivíduo experimenta uma espécie de necessidade de harmonizar os seus atos, os seus gestos, os seus gritos com os dos indivíduos que o cercam. Todo o desacordo, toda a desarmonia são sentidos como uma não integração, uma causa de sofrimento.

Segundo Freinet é esta a maior razão para garantir que se pode fazer, pelo mesmo processo, tão naturalmente e sem o menor esforço anormal, sem obrigações e sem lições, a aprendizagem de todas as disciplinas cujo conjunto constitui a cultura.

Além disso, Freinet indica algumas necessidades intrínsecas do sujeito que está sendo formado no espaço escolar. Estas necessidades foram observadas e notadas pelo teórico e foram os princípios norteadores de seus instrumentos. Podemos ver que concomitantemente à visualização da necessidade da criança, Freinet já lançava mão de meios a suprir estas necessidades.

Podemos agrupá-las em cinco pontos:

- *Necessidade de exprimir seus sentimentos e suas idéias*

A necessidade que o ser humano tem de se exprimir, de liberar suas idéias, seus anseios, seus medos foram possibilitados pelos instrumentos freinet acontecerem através de desenhos, da própria fala, através da escrita, da edição de livros. Este é o ponto de partida para o trabalho da comunicação nesta concepção pedagógica.

- *Comunicar-se com os outros*

A segunda necessidade pode ser considerada como seqüência da primeira, ou seja, além da necessidade de se exprimir, há a comunicação entre os sujeitos. Para o sujeito não basta exprimir suas idéias e emoções, mas exprimir para alguém. O papel do outro entra aqui como diferencial da pedagogia, isto é, não escrevemos somente, mas escrevemos para

---

alguém, podemos nos corresponder para conhecer pessoas. As duas necessidades colocadas podem ser vistas como complementares. O Jornal Escolar, a Correspondência e a Conferência dos alunos levam a uma necessidade real da escrita já que é o meio que as pessoas podem realizar esta comunicação à distância.

- Três ações que levam a um aprofundamento das necessidades do sujeito: *criar, agir, conhecer* através de pesquisas, da expressão tanto de material literário como de trabalhos manuais e técnicos. A livre expressão adquire profundo interesse pelo sujeito.
- Para realizar e suprir as necessidades já colocadas surge uma nova: a de *organizar-se*. Esta organização não vem pronta do aluno, mas sim construída coletivamente, no espaço escolar e na vida cotidiana. No espaço escolar a organização se faz por meio dos planos de trabalho anual, mensal e semanal; fichários de auto-correção; trabalho pessoal ou em grupos.
- *Avaliar-se*: esta última etapa não é independente das outras, não acontece ao final dos trabalhos e tempos escolares, mas sim acontece concomitantemente ao trabalho educativo. Não é realizada só pelos alunos, mas também pelo próprio professor (fazendo também a sua auto-avaliação). Além da auto-avaliação, o aluno é avaliado individualmente pelo professor e coletivamente durante o trabalho semanal ou dos projetos de maior tempo. Estes instrumentos serão analisados de maneira mais detalhada na seqüência deste trabalho.

Com a preocupação de permitir que o desenvolvimento e suprimento destas necessidades aconteçam naturalmente e tendo oportunidade para isso, Freinet inicia seus tateios experimentais, isto é, através da idéia de trabalho o professor começa a experimentar, a manipular uma realidade nunca antes vivida naquela escola. Inicia um trabalho experimental de tirar as crianças da sala de aula e levá-las para a sociedade, para o comércio, para as aldeias, para o rio e para a mata. O mesmo tateio experimental

---

é realizado pela criança quando esta busca respostas às suas indagações, quando busca construir um projeto, quando tenta resolver de diversos modos uma situação matemática.

É nesta busca do ser humano por respostas às suas indagações através do trabalho, e que o professor não via oportunidade de acontecer na estrutura da escolástica, que Freinet inicia seus instrumentos.

Este trabalho de tatear a realidade do sujeito que está na escola foi feito em parceria com os aldeões e não tinha caráter de passeio, mas sim o conteúdo passa a ser trabalhado mediante estas aulas fora da escola. Esta estratégia de trabalho é conhecida na literatura de Freinet como **aula-passeio**.

Nestes momentos as crianças conversavam o que iriam observar, se iriam entrevistar alguém, o que iam buscar de informação ou até mesmo observar a natureza para começar um estudo sobre algum animal.

Depois da aula-passeio os alunos se reuniam para discutir sobre suas descobertas, para avaliar se o planejamento feito foi cumprido, se a gestão da aula-passeio foi feita pelos alunos e se faltou algo.

As aulas passeio eram realizadas todos os dias pelas ruas e campos da vila, observando os diversos profissionais, as ruas, as paisagens, os animais, enfim, todos os elementos da realidade social da criança. Esta era uma das grandes preocupações de Freinet, pois acreditava que a necessidade da criança era conhecer o seu ambiente primeiro, para depois ter contato com os conhecimentos globais. É isso que percebemos no discurso do autor sobre os saberes locais e globais:

*“Para este estudo do meio local iremos haurir à vida verdadeira da criança, à origem de suas sensações, das suas experiências e suas descobertas, os elementos essenciais, os elementos de base – os únicos sólidos e definitivos – da sua formação, da sua instrução e da sua educação.*

*(...) as nossas crianças devem conhecer a geografia da sua região antes de estudar no mapa as linhas azuis que se lhes diz serem rios.*”<sup>12</sup>

Cada criança tinha uma maneira de interpretar essa aula de acordo com sua percepção de mundo e curiosidade. Quando voltavam à sala, eles discutiam sobre tudo o que viam, trabalhando conceitos matemáticos, sociais, científicos, entre outros. Após a discussão, Freinet escrevia na lousa e as crianças liam, comentavam, acrescentavam observações e depois copiavam o texto.

### **Roda de conversa**

Nos momentos em que as crianças iam discutir sobre suas pesquisas, descobertas ou até mesmo ter uma conversa informal, Freinet utilizava a roda de conversa como espaço para que todos pudessem dialogar, participar e cooperar.

A gestão deste momento era feita pelos alunos, podendo haver uma pauta ou não.

Nestes espaços as escolas que seguem a Pedagogia Freinet geralmente realizam as avaliações dos trabalhos diários, a leitura de textos em rodas de conversa. É neste espaço que acontecem as conversas sobre comportamento, que se dissolvem possíveis desentendimentos entre os alunos.

Este recurso utilizado por Freinet carrega consigo dois pontos que asseguramos atenção especial neste trabalho: o planejamento e a avaliação.

Quando dissemos que a escola tradicional coloca o poder nas mãos do professor que gere a aula, estávamos nos referindo a uma educação verticalizada, ou seja, que os conteúdos, os combinados, os planejamentos seguem a ordem e a hierarquia de cima

---

<sup>12</sup> FREINET apud FREINET, Elise. *O Itinerário de Célestin Freinet*. Livros Horizonte, Lisboa, 1983.

---

para baixo. Portanto, podemos dizer que os conteúdos vêm dentro do espaço escolar da escolha do diretor, passando pelo coordenador, pelo professor até chegar no aluno.

Na proposta de trabalho de Freinet os conteúdos, o saber científico vai crescendo de maneira horizontal, ou seja, é trazido pelos alunos podendo ser organizado pelo professor.

No caso de um aluno trazer para a roda um assunto que suscita a atenção de todos, a roda de conversa é o espaço para o planejamento de como a turma poderá sistematizar a pesquisa, assim como é o espaço para avaliar depois de um tempo como a pesquisa está sendo encaminhada, pontos positivos, pontos negativos, o que falta fazer ou combinados de novas aulas-passeio. A roda é o espaço legitimado para a turma chegar a consenso, fazer votações ou simplesmente conversar.

Estes combinados necessitavam ser registrados de maneira que a turma pudesse recorrer a eles quando quisesse ou precisasse. Começaram então a registrar os assuntos que a turma considerava importantes num livro grande, o qual chamaram de **Livro da Vida**. Neste livro os registros de pesquisa, os textos, desenhos, correspondências e as produções dos alunos eram colocados nele. Ao final de um certo tempo a história da turma estava registrada ali, podendo ser consultada e sendo também utilizada como uma produção literária, feita pelos próprios alunos.

Dependendo do ritmo de trabalho da sala os registros feitos no Livro da Vida poderiam ser diários ou semanais, o importante era a criança estar realizando esta atividade como exercício para a sua autonomia. A função deste livro confunde-se com a do texto livre já que é feito com maior alcance do que o texto individual. Além disso, o Livro da Vida é uma produção coletiva.

### **Texto livre**

Depois da aula-passeio e do registro no Livro da Vida as crianças tinham como espaço garantido, dentro das atividades escolares ou deveres de casa, a possibilidade de escrever textos livremente, tanto em relação ao tema quanto ao gênero.

---

Esta produção das crianças era chamada por Freinet de **texto livre** que tinha por finalidade explorar e demonstrar a sensibilidade da criança, ou seja, a verdadeira experiência psicológica da criança. Logo após, Freinet iniciou a técnica da imprensa na escola, com a intenção de difundir os textos pensados e redigidos pelas próprias crianças. O texto livre podia variar em gênero, dependendo da escolha da criança, podendo ser prosa ou poesia, um canto, um desenho, contos, atividades manuais.

Essa técnica enfrentou grande resistência por parte dos pedagogos da época, que consideravam essa prática no mínimo inútil para o aprendizado das crianças. Acreditava-se que era muito mais eficaz a utilização dos livros de leitura de valor literário.

Freinet afirmava que a expressão livre trazia muitas vantagens para o dia a dia das salas de aula. Primeiro, porque a atividade apaixonava as crianças, não só os autores, mas também os leitores, que podem, por sua vez, tornar-se autores. Segundo, porque ela possibilitava abertura afetiva e pedagógica para os elementos fundamentais da cultura. A última grande vantagem era a transformação da atmosfera de aula, modificando as relações do meio e impulsionando os educadores a considerarem realmente a criança como um ser social.

Essa técnica de trabalho visava desenvolver na criança espontaneidade, criação, vida, ligação íntima e permanente com o meio e a capacidade de expressão profunda. Para isso era necessário que o texto livre fosse realmente livre. A criança só deveria escrever quando tivesse algo a dizer, quando sentisse necessidade de expressar-se. Não podia haver a imposição de um momento ou local para a produção dos textos, estes poderiam ser feitos na escola ou em casa.

Assim, Freinet buscava quebrar com as concepções da escolástica, tendo cada vez mais sucesso no seu trabalho, pois sem a obrigatoriedade e não contextualização das lições e deveres, os textos produzidos pelas crianças ficavam mais significativos, demonstrando seu aprendizado a partir de sua compreensão de mundo. Entretanto esses textos não estavam sendo lidos por pessoas de fora da comunidade escolar. Essa dificuldade fez com que Freinet buscasse novamente uma outra adaptação para o seu

---

trabalho. Foi assim que resolveu tornar essa experiência de vida das crianças acessível aos outros também. A solução encontrada foi à impressão destas elaborações textuais.

Desta maneira, começa a produção do **Jornal Escolar**.

Este instrumento tinha como conteúdo o texto livre e a imprensa escolar ou limógrafo. Este jornal continha elementos da vida das crianças, traduzidos em páginas da vida. Assim, o conteúdo estava subordinado ao interesse da turma.

Na época já havia jornais escolares clandestinos em que alunos publicavam discurso livre, expressão espontânea contra as limitações e autoridades da escola. O jornal escolar de Freinet teve uma difusão rápida devido à necessidade do momento, era o utensílio que se esperava.

Os textos eram escritos pelas crianças, da maneira mais livre e espontânea possível. A criança escrevia aquilo que estava nos seus pensamentos, nas suas observações, na sua realidade, nos seus sentimentos e seus atos, interessando assim seus colegas e correspondentes. Para a realização do jornal, a criança participava de todas as etapas, ou seja, da escrita, do aperfeiçoamento do texto, das ilustrações, da tiragem, enfim, de todos os processos para a conclusão do trabalho.

### **A Correspondência Interescolar**

Como os instrumentos desta nova pedagogia tiveram grande difusão entre as escolas que também buscavam novos caminhos para o trabalho pedagógico, Freinet e seus cooperadores passaram a utilizar um novo recurso de comunicação escrita não só entre os professores que trabalhavam em busca de outra escola, mas também na comunicação entre as próprias crianças.

Este novo instrumento que começaram a utilizar foi à correspondência interescolar. Assim, havia uma troca mensal em que a escola era posta em contato com outras escolas espalhadas por diversas regiões. A correspondência era regular e todos os meses eram preparadas encomendas para os respectivos correspondentes: cada aluno

---

enviava postais, jornais, fotografias até prendas de valor. A chegada destas encomendas despertava nas crianças um entusiasmo indescritível. Este intercâmbio era fundamental para que os alunos tivessem acesso a materiais de origem vegetal, animal e mineral, entre outros, de outras regiões permitindo um maior conhecimento dos alunos nos assuntos estudados.

Esta correspondência também acontecia entre o corpo docente das escolas, havendo assim, uma troca de experiências, de registros de pesquisa, dúvidas, constituído assim um instrumento de grande valor avaliativo para o trabalho realizado.

Podemos perceber que nesta técnica a avaliação do trabalho não se fazia somente pela criança, mas principalmente era exercida pelos professores que estavam Tateando novos meios de trabalho, novas possibilidades de reflexão, novos caminhos a serem trilhados.

Desta maneira a avaliação aqui se fazia presente entre os profissionais da educação, tanto pensando na avaliação formal, como nos critérios de avaliação informal.

### **Jornal de Parede**

Olhando a necessidade das crianças e jovens em se colocar perante o grupo e como uma maneira da comunicação entre os sujeitos ser mais efetiva, Freinet começou a trabalhar o comportamento dos alunos através do Jornal de Parede.

Nesta técnica é feito um painel com 4 envelopes, cada um com um tema:

### **Eu proponho, Eu crítico, Eu quero saber e Eu felicito.**

A técnica do Jornal de Parede se constitui em escrever aquilo que se está sentindo ou pensando e depositar o papel com a data da escrita e a assinatura do escritor no envelope correspondente à sua citação.

---

Para o conhecimento de todos e tentativa de resolver a situação posta pelo grupo, é combinado um dia da semana para a leitura do jornal, podendo haver algumas pessoas responsáveis por esta leitura e depois abrir uma assembléia no grupo para a reflexão e tomadas de decisão.

Os bilhetes escritos e lidos são arquivados no Livro da Vida, assim como a escrita de resolução das situações postas.

### **Vantagens Psicológicas dos seus instrumentos**

Uma das vantagens colocadas na utilização das técnicas Freinet é a harmonização da vida escolar, vida familiar e vida social. Esta normatização está ligada à questão da (in) disciplina, posta na relação entre indivíduos e grupos. Através da noção de trabalho e, sobretudo, pelo texto livre e pelo jornal dá-se à criança razões novas para viver e agir no espaço escolar, o que contribui para o progresso psicológico desejado.

Segundo Freinet, parte das dificuldades de comportamento apresentadas na escola, provém do fato das crianças não terem no espaço escolar a oportunidade de exteriorizar as suas necessidades, sentimentos e tendências. Utilizando o texto livre e o Jornal Escolar, é alimentada e explorada esta necessidade de exteriorização da criança. Assim a criança alcança também uma libertação psíquica.

Um outro fator importante é a consideração desta pedagogia como uma pedagogia do sucesso. Em todos os domínios, o fracasso é um destruidor de personalidades. Por intermédio das técnicas, a criança é bem sucedida: triunfa com seu texto, com seus desenhos. Não estamos aqui dizendo que não haverá falhas ou dificuldades quando aplicada a técnica Freinet, mas sim que estas poderão ser resolvidas de maneira mais rápida e eficiente, sem o aluno sofrer a arbitrariedade da nota como fim em si mesma.

---

Como o foco de análise mudou, ou seja, a escola Freinet não se preocupa em encontrar notas boas ao fim da unidade de ensino, mas sim estar certificada do processo pelo qual o estudante passou, então a avaliação também adquire um novo caráter.

Neste sentido também podemos perceber que as técnicas desta pedagogia fazem com que a avaliação informal, diagnosticada tanto tempo depois no trabalho de Freinet, seja incorporada a avaliação formal de maneira clara para todos os participantes do processo educativo.

Nas técnicas não há a possibilidade da manipulação e nem da arbitrariedade em relação a nota pois todos os trabalhos feitos são expostos e avaliados. Mesmo a avaliação de atitudes pode ser olhada com outro foco através do Jornal de Parede. Estes meios de trabalho trazem uma nova consciência aos sujeitos de que todos estão responsáveis pela construção do conhecimento esperados na avaliação formal e informal.

No próximo capítulo estaremos explicitando os instrumentos de planejamento e avaliação da Pedagogia Freinet.

---

### Capítulo 3 – Instrumentos de Avaliação da Pedagogia Freinet

Freinet utiliza em seu trabalho várias técnicas para o planejamento e a avaliação do aprendizado de seus alunos, os que analisaremos aqui são os Planos de Trabalho, a Roda de Conversa e o Livro da Vida.

Estes instrumentos foram por mim selecionados para análise, entretanto podemos encontrar em todos os instrumentos o caráter de planejamento e avaliação do trabalho pedagógico. Esta pode ser vista como uma das características desta pedagogia, ou seja, o planejamento sendo realizado pelos alunos juntamente com o professor assim como a avaliação. Desde o início de um projeto até a real conclusão deste o olhar e a atenção do sujeito estão voltados para a sua própria ação, sem interferência de um adulto que quer fazer tudo sozinho.

Esta prática, segundo FREINET (2001: 45) nos sugere...

*“(...) que vai ser requerida pela riqueza de nosso material e péla diversidade das atividades que ele possibilita. O educador não vai mais se contentar com ordenar tudo, hora após hora, por iniciativa própria. Estabelecerá os planos de trabalho com as crianças”.*

Para este processo de construção da autonomia através do ensino formal, da escolarização, os alunos apontam a necessidade de se ter espaços para o registro escrito deste planejamento. Assim inicia-se o trabalho com os **Planos de Trabalho**. (ANEXO 1 e 2).

Um dos instrumentos utilizados largamente por Freinet, para a avaliação do aprendizado de seus alunos e para o planejamento do trabalho seguinte, é o **Plano de Trabalho**.

---

Novamente como busca de uma pedagogia desligada da escolástica, os Planos de Trabalho deveriam ser realizados pelas crianças todos os dias, combinando o que iriam trabalhar naquele período de aula. A avaliação da realização dos Planos de Trabalho sempre tem critérios para as atividades em todos os campos de conhecimento, juntamente com a avaliação do professor sobre todas as atividades realizadas e critérios avaliativos, como a atenção, leitura, produção dos textos, desenhos, conferências, etc.

Não podemos estabelecer isto como uma avaliação hierárquica, mas sim uma maneira de avaliar se os alunos participam de todas as atividades e dando uma visão geral do trabalho que está acontecendo. Esta avaliação não é descontextualizada e nem feita somente pelo professor.

Outro instrumento utilizado por Freinet para a avaliação é o Livro da Vida em que os alunos colocam suas experiências grupais, suas vivências, desenhos livres, correspondências recebidas, entre outros. Dependendo do ritmo de trabalho da sala os registros feitos no Livro da Vida podem ser diários ou semanais. O importante é a criança estar realizando esta atividade como exercício para a sua autonomia.

Nesta forma de trabalho, os alunos são avaliados o tempo todo e não apresentam dificuldade alguma nos resultados que obtêm. Para facilitar a avaliação contínua e significativa, Freinet desenvolveu as Fichas de Auto-Correção. Cada aluno usando essas fichas tem a chance de fazer sua própria correção, percebendo exatamente onde errou e porque errou. No final desse processo o aluno está fazendo a auto-avaliação do seu trabalho e da sua atuação como um todo no trabalho escolar.

Essa autocorreção deve ser complementada e concluída nos encontros semanais dirigidos pelo educador da sala que abre espaço para discussão sobre as dificuldades e os avanços de cada um e sobre cada tema abordado durante as aulas.

Esse tipo de avaliação contínua e significativa deve ser participativo e transparente não sendo apenas de responsabilidade do educador, mas de cada aluno, tornando-se assim responsável pelo seu próprio progresso. Como dito anteriormente, Freinet “quebra” novamente os ideais da escolástica, que colocam sobre o professor o

---

papel de julgar o conhecimento adquirido pelo aluno, mesmo tendo barreiras como salas superlotadas, escolas e sistemas de ensino sucateados. De acordo com Freinet:

*“Professores e pais, no entanto, apóiam essa prática porque nas atuais condições da escola, com crianças que não tem desejo de trabalhar, as notas e as classificações são ainda o meio mais eficaz de sancionar e estimular. Se bem que este meio tenha uma contrapartida sumamente perigosa: como se trata de dar notas com um mínimo de erro, recorre-se, em Pedagogia, a tudo o que é mensurável. Um exercício, um cálculo, um problema, a repetição de um curso, tudo isso pode supor, efetivamente, uma nota aceitável. Mas a compreensão, as funções da inteligência, a criação, a invenção, os sentidos artísticos, científicos, históricos, não se podem mensurar. Ficam então reduzidos ao mínimo, na escola, e são abolidos da competição”.*<sup>13</sup>

Freinet utiliza ainda os *brevês*, ou seja, pequenos diplomas ou certificações entregue aos alunos mediante a realização de trabalhos em suas respectivas áreas, ou seja, em áreas especializadas do conhecimento. Os *brevês* são divididos em duas tendências:

- *Brevês obrigatórios*: de escritor, de leitor, de boa linguagem, de historiador, de geógrafo, de engenheiro hidráulico, de engenheiro de ar, de engenheiro dos vegetais, de colecionador de insetos, de engenheiro de minerais, de mestre de fogo.
- *Brevês acessórios*: de colhedor de frutos, legumes, plantas, medicinais, de caçador, de trepador, de explorador, de apicultor, de criador, de cozinheiro, construtor, eletricista, químico, socorrista, impressor, gravador, ator, músico, cantor, oleiro, marceneiro, etc.

---

<sup>13</sup> SAMPAIO, Rosa Maria W. *Freinet – evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 1989, p. 93.

---

Os trabalhos que devem ser apresentados são elaborações práticas, montadas como maquetes, pesquisas, experimentos científicos, entre outros. No mês de outubro, é feita uma exposição, na presença dos pais para a apresentação de cada trabalho e para a entrega dos *brevês*. Esta exposição pode ser considerada também como uma forma de conclusão do trabalho pedagógico. Assim, sendo uma avaliação e por ser de grande importância para os alunos, é na sessão solene da instituição escolar. Como uma pedagogia para o trabalho, seu autor justifica que com vários *brevês*, um garoto de 14 anos pode ser muito bem aceito numa instituição ou num emprego.

A partir desta prática, a caderneta escolar, ou boletim de notas, deixa de ser um meio de competição na estrutura escolar, pois os *brevês* são conquistados por todos e em diversos números, dependentes do desenvolvimento dos experimentos e pesquisas. A caderneta é um documento pessoal sobre o valor e o nível de instrução, de comportamento escolar, moral e social, e com a sua fotografia. Neste documento devem haver páginas em branco para a colagem dos *brevês* obtidos e os planos de trabalho realizados no decorrer do ano.

Já em relação ao planejamento do professor para as suas atividades inseridas na corrente pedagógica Freinet, muito diferente do que várias pessoas pensam, o professor sempre planeja todos seus trabalhos e atividades a serem desenvolvidos com seus alunos, dentro ou fora da escola, pois, para cada atividade que ele desenvolve, há objetivos a serem alcançados.

Assim, o professor deve traçar quais as atividades podem ser desenvolvidas, de acordo com o interesse de seus alunos e baseando-se também em que área de atuação se trava o assunto. Freinet, inclusive, nunca defendeu o espontaneísmo nas escolas; muitos educadores que não conhecem os seus trabalhos acham que na sua pedagogia há falta de planejamento.

Nas aulas de descobertas, o método tem em mente quais os objetivos a serem atingidos. Quando o professor sai com seus alunos para o tateamento experimental, ele já sabe exatamente o que irá encontrar pela frente e quais são os conteúdos trabalhados e as atividades que poderiam ser desenvolvidas em cima de toda a descoberta.

---

Freinet faz com que cada objetivo sempre se integre com os demais. O aluno, nas aulas das descobertas sempre encontra espaço para fazer suas produções de texto, pesquisas na área em questão, adquirindo conhecimentos tanto na área da matéria quanto em outras, surgindo aí a interdisciplinidade. Mas, planejamento para Freinet, não significava não deixar que novas atividades surgissem no decorrer da aula. Muito pelo contrário, sempre, em seus planejamentos, ele achava primordial deixar um espaço em aberto para atividades inesperadas, reservando um tempo para essas novas oportunidades de estudo e novos objetivos.

Seus planejamentos também eram divididos em quatro etapas:

- O *plano cotidiano* e os *planos semanais* como já citamos anteriormente este planejamento era feito principalmente através dos Planos de Trabalho;
- Os *planos gerais* são as atividades que Freinet, ou o professor “prevê” que irá realizar durante o ano. No caso, são temas de trabalho que sempre interessam aos alunos e que estão inseridos já no plano de trabalho do professor. Este planejamento permitirá ao professor fazer as intervenções necessárias para que as crianças saiam do senso comum para mergulhar no conhecimento empírico, científico. Assim as conversas deixam de ser superficiais e tomam outros significados de compreensão para os estudantes.
- O *plano anual*, como cita Freinet, é o plano de trabalho. Seria o seu programa. São os conteúdos que os alunos deverão obrigatoriamente estudar no decorrer do ano letivo. O professor, nesta linha de trabalho, oferece para seus alunos todos estes temas, porém os deixa livres para escolher como e em qual momento poderão realizar seus trabalhos mediante seus interesses. Para o controle de tudo o que acontece na sala de aula, Freinet utiliza uma ficha em que há desenhado casas com o título de cada conhecimento específico, ou seja, cálculo, gramática, ciências, etc. Quando o professor aborda um destes assuntos, irá preencher esta casa e colocar a data. No decorrer do ano professores e alunos terão ali um gráfico com todos os assuntos citados e trabalhados, juntamente com a avaliação do trabalho e a data da realização.

---

Este foi um recurso disponibilizado aos alunos com o grande objetivo de busca pela sua autonomia e criticidade, pois cada um passa a ser responsável pelo seu aprendizado e a controlar aquilo que está aprendendo ou deixando de aprender mediante as escolhas que faz.

Esta maneira de propor a auto-avaliação também é direcionada ao aluno quando é necessário avaliar sistematicamente não só o seu trabalho, mas a estrutura escolar como um todo, ou seja, a auto-avaliação (ANEXO 3). Surge como a possibilidade de formalizar a avaliação que o aluno faz não só do seu trabalho, mas também do trabalho do grupo, do trabalho do professor, seus relacionamentos com o conhecimento, com amigos, com o grupo escolar e com o professor.

Esta avaliação não deve ter o caráter de mensuração, de classificação, mas sim de uma real posição crítica e reflexiva sobre o seu próprio agir.

Na pedagogia Freinet a questão emocional e a segurança também fazem com que o aluno tenha maior autonomia para cumprir com seus trabalhos, de resgatar o estudo sobre um conhecimento ainda não consolidado, pois não há a supremacia do tempo ou do caminhar do grupo que possa deixar este aluno para trás. Um sentimento já explicitado neste trabalho e que pode ser diluído quando estudamos a pedagogia Freinet é a competição. Este sentimento que a escola tradicional faz crescer e alimenta, na pedagogia que estamos analisando ocorre em menor intensidade, justamente pelo caráter de respeito ao tempo e espaço de cada um.

Diferentemente do que analisamos no primeiro capítulo, o fim de uma unidade escolar não é impedimento para a continuação do trabalho do aluno com o conhecimento teórico e científico. O aluno tem a oportunidade de permanecer e de contar com a cooperação do professor e do grupo para desenvolver seu trabalho.

Além de propor instrumentos que avaliassem o aluno de maneira conjunta com aquilo que o sujeito/educando demonstrou aprender ou não, Freinet ainda elaborou uma série de perguntas voltadas ao professor, para que o educador realize uma auto-avaliação de sua pessoa, de seu trabalho, etc.

---

Conforme Freinet este conjunto de perguntas formam As *Invariantes Pedagógicas* (ANEXO 4), as quais acontecem com o professor lendo uma “verdade” – levantada por Freinet e analisando a sua prática segundo três alternativas codificadas em três cores: amarelo, verde e vermelho.

Conforme o professor reconhece o caráter do seu trabalho nestas invariantes, este vai preenchendo um quadro. Segundo Freinet esta é uma avaliação que o professor pode realizar diversas vezes e sempre comparar os resultados para diagnosticar como está o seu trabalho.

As invariantes estão reunidas num conjunto de trinta questões, sendo:

- Da questão número um a três: relativas à **natureza da criança**;
- Da questão número quatro a dez relativas: às **reações da criança**;
- Da questão onze a trinta: às relativas **as técnicas educativas**.

Freinet afirma que realizando este procedimento de avaliação de maneira franca, sincera e constante o professor poderá avaliar a sua prática, podendo assim, manter uma postura de reflexão sobre seu trabalho e, principalmente, maior realização pedagógica, saindo da escolástica em busca de um trabalho direcionado a uma prática mais reflexiva.

Os instrumentos da pedagogia Freinet aqui apresentados não têm por finalidade serem expostos e analisados de maneira integral, mas sim como uma exposição simples que ainda assim respalda o profissional da educação para iniciar sua caminhada no trabalho reflexivo que a pedagogia Freinet nos permite.

A partir deste momento estaremos olhando como alguns destes instrumentos acontecem na prática pedagógica de uma escola que segue a pedagogia Freinet em Campinas.

---

## Capítulo 4 – Examinando uma experiência

Conforme colocado durante todo este trabalho, na Pedagogia Freinet o espaço e tempo do planejamento não se separam do espaço e tempo da avaliação. Isto é, Freinet pensava nos dois como atividades indissociáveis, uma completando a outra para que a prática pedagógica tivesse começo, meio e fim sempre garantindo o aprendizado dos alunos. Enquanto este não ocorria de maneira completa o processo de planejamento e avaliação também não era considerado finalizado para tal aluno.

Nos instrumentos que embasam a Pedagogia Freinet podemos perceber o valor do coletivo, do social, do processo do grupo ou da turma. Ainda assim momentos individuais de trabalho também podem ser avaliados durante a troca coletiva.

Neste quarto capítulo estaremos colocando situações concretas destes instrumentos, relatos de experiências junto com as crianças, tentando responder ao seguinte questionamento:

- ✓ Quais os passos que as crianças percorrem para adquirir a autonomia a qual a pedagogia Freinet defende?
- ✓ De que maneira a pedagogia Freinet pode ser considerada como emancipatória em relação aos instrumentos de avaliação quando comparada a escola tradicional?

Esta análise não tem por finalidade fazer a avaliação da prática pedagógica, mas trazer a realidade àquilo que Freinet sustentava como seu trabalho; trazer à luz algumas situações vividas em salas de aula por professores e crianças e que se configuram como momentos de planejamento e avaliação escolar.

Estas observações foram feitas numa escola da rede particular de ensino, em Campinas, numa sala de 1ª. Série do Ensino Fundamental, durante o ano de 2005. São

---

observações feitas em sala de aula, em momentos de ateliês, de roda de conversa, do registro do plano de trabalho.

Além disso, foram coletadas experiências com outros professores, de outras séries, embasados em seus artigos publicados no livro *“Palavras de Professor”*<sup>14</sup>, organizado pelo corpo docente da escola.

Hoje a escola funciona numa chácara, no bairro Mansões Santo Antônio, em Campinas. Com aproximadamente trezentos alunos a escola conta com os dois níveis de Ensino: Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª. a 4ª. Séries e 5ª. a 8ª. Séries). A escola funciona em dois períodos (manhã e tarde), funcionando também em alguns fins de semana com atividades extracurriculares e também atividades organizadas por um corpo de pais que se reúnem independente do corpo docente da escola.

A escola tem seu espaço inteiramente planejado com rampas e espaços para que as crianças em processo de inclusão possam freqüentar a escola normalmente. A escola também se caracteriza por ser um espaço muito arborizado, com muitos jardins, o que contribui para as aulas-passeio acontecerem no espaço da escola, assim como outras atividades ligadas a Pedagogia Freinet contribuindo para os conhecimentos das ciências naturais serem notados pelas crianças na própria escola.

Esta escola faz parte da rede privada de ensino, sendo mantida pelas mensalidades pagas pelas famílias e organizada numa sociedade cooperativa de professores e orientadores pedagógicos. A escola também trabalha com um programa de bolsas de estudo em diversos valores para a clientela que necessita destes recursos.

O corpo de funcionários tem aproximadamente cinqüenta profissionais, desde orientadores pedagógicos (todos que já foram professores da escola), professores, auxiliares de classe, funcionários de limpeza e manutenção.

---

<sup>14</sup> FERREIRA, Gláucia de Melo. (org.). *Palavra de professor(a): tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

## **A turma da 1ª. Série – Turma da Esponja do Mar**

A turma de primeira série que foi observada tem dezesseis alunos que estudam na escola no período da tarde. Nesta turma há duas crianças com necessidades especiais que são atendidas nas suas dificuldades motoras pelas auxiliares da escola e pelos professores.

Em relação ao trabalho pedagógico, a 1ª. Série é orientada por uma ex-professora da escola, que por muitos anos também foi professora desta série de ensino. Mestre em educação e professora num curso de formação de professores numa faculdade da cidade de Araras, mantém reuniões de orientação semanais com a professora da turma e também momentos mais curtos com encontros em sala de aula.

Seu contato com a professora da turma também se dá nas reuniões pedagógicas, com todos os professores do Ensino Fundamental e nas reuniões gerais, com todo o corpo docente reunido. Estes encontros acontecem no período da noite, têm duração de duas horas e quinze minutos, e a remuneração é aplicada ao salário do professor mediante sua presença e acontecem de duas a três vezes ao mês.

A professora da turma é graduada em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Unicamp há um ano. Por um tempo foi acompanhante de crianças especiais na escola, inserida numa turma de 4ª. Série. Trabalhou também como professora da sala de informática (com todas as séries) e neste ano assumiu a turma de primeira série do Ensino Fundamental.

Seu relacionamento com a turma é de muito afeto e de muita paciência. Sua prática pedagógica com a turma engloba o trabalho pedagógico e também tentando atender as necessidades especiais das crianças com dificuldades motoras e locomoção.

Com as crianças seu trabalho é inteiramente reflexivo dentro das práticas Freinet. Nos momentos observados foi possível reconhecer a preocupação da professora em desenvolver a reflexão do seu trabalho para melhor trabalhar com os alunos. A professora tem o hábito de desenvolver anotações sobre seus alunos, possibilitando um

---

olhar mais apurado sobre a avaliação de cada um e sobre o planejamento a ser desenvolvido no trabalho pedagógico.

Sobre o relacionamento entre as crianças podemos notar um profundo sentimento (e ação) de colaboração, de cooperação, de trabalho coletivo. Os eixos da pedagogia Freinet podem ser observados e notados entre as crianças da turma, mesmo entre as crianças que entraram este ano na escola.

Como uma das bases é a colaboração e a busca de um novo coletivo, nos primeiros dias de aula a turma já organiza combinados do que é possível fazer para uma coletividade melhor e também aspectos negativos. Nestes primeiros momentos, a turma já constrói regras para cada momento do trabalho em sala de aula. Nestes espaços, a professora já conversou com a turma sobre as crianças especiais, sobre as necessidades e limitações que todos temos. Por toda a construção feita desde o início do ano (momento inicial deste grupo de crianças juntas) a cooperação e a colaboração são sentidas e podem ser analisadas quando entramos nesta sala de aula.

Além destes combinados, nos primeiros dias de aula as turmas escolhem através de uma eleição, o nome da turma. Esta 1ª. Série decidiu ser chamada por Turma da Esponja do Mar. Seu primeiro projeto de trabalho coletivo foi estudar os animais aquáticos, na tentativa de responder se o personagem da televisão realmente é uma esponja animal.

Para um trabalho cooperativo a professora também lança mão de algumas estratégias nas quais todos serão responsáveis por esta construção. Assim, cada criança tem a sua participação na vida diária, na rotina da turma, seja sendo ajudante de alguma tarefa ou leitor de um jornal de parede ou o pesquisador que traz de casa um material de estudo. Neste processo a Roda de Conversa do início da semana é constituída entre outros momentos, pela escolha dos ajudantes. Há um painel grande na sala, com todas as atividades da rotina da turma e um número necessário de ajudantes para cada tarefa. A roda as crianças elegem os ajudantes, não permanecendo ninguém sem tarefas.

---

Este processo além de distribuir as responsabilidades para a turma, também se constitui como momento de planejamento, de pensar antes aquilo que se quer executar e, ocorrendo na roda, permite que todos participem das decisões. Estas decisões são anotadas no Livro da Vida e podem ser alterados casos necessários.

A relação do aluno de 1ª. Série com o conhecimento sistematizado também necessita ser olhada aqui neste trabalho como um ponto importante de análise quando falamos sobre a Pedagogia Freinet e avaliação.

Na escola observada os processos de alfabetização constituídos pela leitura e escrita não acontecem no ensino de Educação Infantil, mas sim na primeira série do Ensino Fundamental. Portanto no início do ano não é critério para esta escola o ingresso da criança alfabetizada na série estudada.

Estas habilidades têm como espaço e tempo de excelência acontecerem a partir do ingresso na 1ª. Série. Desta maneira, encontramos materiais e também instrumentos usados na Pedagogia Freinet nesta turma com a escrita das crianças ainda em processo de aquisição, certa dificuldade em preencher tabelas e também nos espaços organizados para isso. Com o tempo e o hábito da escrita nos materiais utilizados pela escola, a criança incorpora o seu funcionamento, chegando no fim do ano já conhecendo e manipulando de maneira tranqüila este material.

### **Os instrumentos, como são usados?**

### **Roda de Conversa e Avaliação Escolar**

Na rotina da turma da Esponja do Mar os alunos entram para sala de aula as treze horas e quinze minutos. Assim que chegam colocam suas pastas nos lugares escolhidos pelas crianças. Depois disso, já vão para a Roda de Conversa. Todos sentam no chão; cada criança escolhe seu lugar também neste momento. Conforme dito anteriormente, os combinados da turma para este momento foram construídos no início do ano e permanecem até hoje mediando os momentos de conflito da roda.

---

A cada dia são conversados assuntos dos projetos, são lidos livros de pesquisa e livros de histórias. Além disso, neste espaço as crianças discutem situações de conflitos tentando encontrar solução para seus problemas.

A Roda de Conversa no início do dia é colocada aqui como espaço de planejamento e avaliação, pois é nela que as crianças, junto com a professora, discutem o andamento dos trabalhos e podem avaliar o que foi feito na Roda de Conversa do fim do dia.

*“Um outro ponto importante é a função organizadora da Roda de Conversa. É ali que definimos nossa rotina diária de trabalho, a seqüência das atividades, os ateliês a serem montados. As crianças podem sempre recorrer a essa rotina para saber quais são as propostas e em que ordem vão acontecer. As crianças opinam e constroem a rotina juntas. Os registros no Livro da vida também são feitos neste momento. A roda de conversa no fim do dia é também super importante, pois é neste momento que fazemos uma avaliação do trabalho. As crianças contam e mostram para o grupo o que realizaram, exibem suas conquistas, seus sucessos. Levantamos juntos pontos positivos do trabalho, discutimos eventuais problemas, fazemos um “balanço” do dia, e também combinamos algo para o próximo dia.” (SISTE, in FERREIRA, 2003)<sup>15</sup>*

Outro aspecto que podemos colocar aqui é em relação a afetividade estabelecida nestes momentos, ou seja, a roda é um momento muito íntimo da turma com a professora e também entre as crianças.

Este aspecto da Pedagogia Freinet tem sido aplicado em diversas escolas como uma estratégia de iniciar o dia, mas não com o caráter organizador e avaliativo que expusemos aqui.

---

<sup>15</sup> Idem, 2003, p. 90.

---

Neste ponto, já podemos estabelecer relação com o que foi exposto no início deste trabalho e resgatar alguns pontos de análise.

Vimos largamente o quanto a avaliação é um momento de arbitrariedade quando acontece na escola tradicional e capitalista. Constitui-se como um momento de verticalização do poder, sendo o professor o executor da avaliação formal e informal. Já na escola Freinet esta avaliação é dissolvida em avaliação coletiva, dando tanto a voz para os avaliadores quanto para aquele que está sendo avaliado. Além disso, como a Roda de Conversa é diária e acontece duas vezes ao dia, o planejamento e a avaliação também acontecem formalmente também duas vezes ao dia.

É importante reconhecermos aqui o caráter formal que a avaliação adquire na Pedagogia Freinet. A avaliação informal, que acontece entre os momentos de produção do aluno, o conhecimento que o professor tem de cada sujeito da escola, seus valores pessoais, e por fim a mensuração das notas aqui é diluída a se considerar cada momento de trabalho como produção passiva tanto de ser analisada pela turma como também passiva de reestruturação após a discussão. A “segunda chance” – termo muitas vezes usado oralmente pelos alunos não acontece já tendo uma mensuração, uma valoração estabelecida, mas sim uma possibilidade de reconstrução coletiva ou individual.

Este conjunto de atividades é o que constitui para o professor um dossiê de trabalhos nos quais sua avaliação vai acontecer. O esforço do aluno e a dedicação ao trabalho podem ser características a serem consideradas pelo professor como possibilidade de análise para a avaliação posterior ao momento da Roda de Conversa.

Este conjunto de idéias colocados aqui foram observados e analisados nas rodas da Turma da Esponja do Mar. Desde o momento em que as crianças sentam na roda até o momento em que vão sair para os lugares de trabalho, os combinados feitos e a auto-gestão tomam conta da sala.

Quando uma criança não consegue se colocar verbalmente ou quando fala demasiadamente, o valor de respeito ao outro é resgatado pelas crianças.

---

Nos dias observados as crianças entram na sala e já vão para a roda, esperam a professora e já iniciam a conversa sobre os temas necessários e escolhidos. Pode-se notar também o auxílio que as crianças dão uns aos outros para manter a rotina da roda. Quando o barulho aumentava as crianças já traziam o combinado de não conversar enquanto os amigos falavam, entre outros combinados.

Logo após os combinados do dia, da rotina estabelecida e dos momentos de expressão livre na roda a turma parte para as mesas a fim de executar o planejamento escrito das atividades a serem realizadas.

Neste momento a Turma da Esponja do Mar inicia a escrita do Plano de Trabalho.

### **Plano de Trabalho e Avaliação Escolar**

O Plano de Trabalho elaborado nesta contém todas as atividades que as crianças do Ensino Fundamental desenvolvem no dia-a-dia. Este plano é desenvolvido pela criança diariamente e em dois momentos, assim como a roda inicial e a roda final. O plano acontece primeiro como planejamento de atividades e depois como relatório das tarefas cumpridas e as que estão para finalizar.

No primeiro dia da semana a criança pode estabelecer metas de trabalho para os dias decorrentes e tentar cumpri-las nos momentos de trabalho individual ou até no coletivo quando são projetos grandes.

Conforme anexo o plano de trabalho também contém espaços de avaliação (auto-avaliação, avaliação do professor e avaliação dos pais). Este trabalho é feito no último dia da semana quando o plano já está preenchido.

De acordo com as observações o plano de trabalho na Turma da Esponja do Mar vem sendo realizado de maneira gradativa, pois no início do ano a escrita não é exigida como habilidade já adquirida, como já explicitado anteriormente pelo Projeto Político Pedagógico da escola.

---

Podemos analisar a conquista da aquisição de escrita no Plano de Trabalho em algumas etapas:

- Primeiramente a criança tem contato com a escrita na agenda baseado na descrição das atividades da semana, ou seja, a cada dia as crianças combinam o que vai acontecer e registram a escrita no dia da semana em que estão.
- Na segunda etapa as crianças começam a preencher o plano de trabalho com poucas atividades, marcando um X. A avaliação na agenda já pode acontecer nos fins da semana de trabalho.
- Quando esta aquisição já está incorporada pela criança o preencher a tabela toma posição de planejamento das atividades diárias, só que agora com uma bolinha. Os códigos são combinados com a turma. No fim do dia ou a cada atividade finalizada, a criança recorre ao plano de trabalho e pinta a bolinha ou preenche o quadradinho referente ao dia da semana e a atividade explicitada ali.

Assim é possível ao fim do dia saber quais atividades foram finalizadas. Não está no plano a possibilidade de escrita da avaliação de cada atividade. O plano de trabalho é uma estratégia de registro do processo de planejamento/avaliação e a discussão sobre a qualidade ou como esta atividade ocorreu para os alunos acontece em outros momentos, como na avaliação, por exemplo.

No plano de trabalho também podemos notar uma gama de atividades que nem sempre acontecem no coletivo, ou seja, muitas atividades listadas também vão sendo configuradas como trabalho individual, mas ligadas ao coletivo.

De acordo com FERREIRA (2003, 33),

“(...) [a escolha da atividade no momento de fazer o plano] *muitas vezes sua escolha será condicionada pelo projeto*

---

*que o grupo estiver desenvolvendo. Por exemplo, se o grupo está trabalhando num projeto de horta, o aluno, combinando com o grupo e com o professor, poderá marcar, no seu Plano de trabalho, um momento para cuidar do canteiro e anotar observações importantes sobre o crescimento das plantas”.*

O Plano de Trabalho contém também o espaço para a criança escrever qual a sua responsabilidade naquela semana conforme escrito anteriormente.

Os planos de trabalhos contidos nesta escrita (ANEXOS) trazem a possibilidade de refletir sobre estes apontamentos feitos.

No *Plano de Trabalho 1* realizado no início do ano podemos notar que a criança realizou a notação das atividades, no entanto ainda sem o critério do que foi planejamento e do que foi efetuado.

Para este registro o aluno marcava o dia da semana (onde esta pintado) e depois preencheu os quadradinhos com um X. Como esta coleta foi do início do ano letivo e o processo de interpretação do plano de trabalho ainda não havia ocorrido de maneira plena, a criança não marcou sobre o que era responsável e nem realizou a avaliação escrita. Neste momento, a professora realizou a avaliação oralmente junto com a criança e no momento em que esta terminou, a professora já comunicou qual era a sua avaliação para a semana de trabalho do aluno.

Aqui é necessária uma ressalva sobre o trabalho de construção da avaliação coletiva da semana que não envolve só a criança, mas também pais e professores. No início do ano letivo os professores e orientadores pedagógicos realizam uma reunião coletiva com os pais para conversar sobre como o ano letivo aconteceu e, especificamente na reunião da 1.ª série, o plano de trabalho é abordado como um dos instrumentos de planejamento e avaliação, com o qual os pais e outras pessoas saberão quais as atividades da criança a cada dia.

---

Nesta reunião foi abordado o assunto da agenda, como utiliza-la para que esta fosse um meio de comunicação entre pais e professores e como esta também será utilizada pelas crianças como meio de planejar e avaliar.

A professora da Turma da Esponja do Mar também explicitou a importância do momento de avaliação para todas as crianças da escola a qual segue a pedagogia Freinet, dando ênfase para as crianças de 1.<sup>a</sup> série que estão iniciando seu processo de apropriação da autonomia diante de grupos maiores que as turmas de Educação Infantil. Além disso, esta reunião também se configura como espaço de troca entre pais que já tem seus filhos na escola desde a educação infantil e aqueles que estão chegando.

Especificamente em relação a avaliação da agenda foi exposta a necessidade que a criança apresenta de receber o retorno também de seus pais quanto ao seu trabalho e também ao seu comportamento.

Não buscamos os valores da avaliação informal colocada no início deste trabalho, mas sim o olhar sobre o que na Pedagogia Freinet assume-se como formal, já que tudo é passível de ser avaliado, confrontado e discutido. Esta pode ser a maior diferença entre a avaliação informal da escola capitalista e o caráter reflexivo da pedagogia Freinet. Ou seja, enquanto na escola tradicional o sujeito será avaliado, classificado, recebendo uma mensuração verticalizada, na Pedagogia Freinet estes momentos de avaliação constituem a avaliação informal, no entanto, são construídos juntamente com os alunos e não levando em conta somente a opinião do professor.

No *Plano de Trabalho 2* já podemos notar a preocupação da criança em preencher os quadradinhos com um X, com o estabelecimento de meta de trabalho individual (pesquisa). Ainda não aparece a avaliação escrita, somente a avaliação da professora e dos pais.

Na amostra do plano de trabalho incluída, podemos notar a comunicação entre pais e professores mediante o recadinho deixado pela mãe, ou seja, com uma avaliação sobre responsabilidade que esta fez para a criança, vemos a importância da construção do plano tanto no caráter pedagógico como psicológico para a formação da autonomia e

---

auto-estima da criança. Aos poucos e com respeito ao processo de aquisição do conhecimento, o aluno também vai constituindo sua autonomia.

Na última amostra podemos ver que a mesma criança já está realizando tanto a sua própria avaliação como o preenchimento do plano de trabalho e a meta. Podemos notar que a construção do plano não está mais acontecendo como registro de algo que já aconteceu, mas sim como planejamento primeiramente e como registro no momento da avaliação.

### **Livro da Vida e a avaliação escolar**

Com tudo o que foi descrito sobre o Livro da Vida podemos considera-lo como instrumento de avaliação do trabalho coletivo da turma dentro da Pedagogia Freinet. Nele encontramos o relato da rotina das crianças, as metas de cada um, o relato e registro de pesquisas, de planejamento e avaliação das atividades das crianças.

Priorizando a cooperação, a colaboração mútua, em busca da autonomia do sujeito, o Livro da vida assume caráter de instrumento de avaliação, pois nele encontramos registros coletivos do trabalho pedagógico e também momentos em que a avaliação informal está acontecendo, ou seja, com os registros do trabalho produzido a leitura do livro da vida permite a quem está de fora da sala de aula conhecer o trabalho realizado, conhecer as crianças e os momentos de avaliação.

De acordo com o que já foi analisado no decorrer deste trabalho, a pedagogia Freinet está muito preocupada com os momentos de planejamento e avaliação imbricados na atuação do homem no meio social e na construção da cultura através do trabalho humano. Desta maneira Freinet elaborou também materiais coletivos de controle para atividades em que todos os alunos pudessem avaliar seu trabalho nos momentos coletivos.

Estas tabelas de controle depois de preenchidas são coladas no Livro da Vida, dando ao aluno e ao leitor um plano geral das atividades, das metas e do planejamento feito em sala de aula.

---

Neste processo de planejamento e avaliação, encontramos três controles utilizados coletivamente pela Turma da Esponja do Mar.

O primeiro é o controle de chamada usado pela turma no início do dia durante a roda de conversa. Como já colocado, a turma tem como combinado manter os ajudantes de maneira que todos trabalhem em prol da organização do trabalho em sala de aula. No começo do dia este ajudante faz a chamada preenchendo a tabela com um pontinho para a presença e um F para as crianças que faltaram.

O outro controle é de Lição de Casa. Com os dias do mês marcados na tabela, as crianças vão marcando no controle se fizeram a lição completa, incompleta ou se não fez. Os símbolos para o preenchimento são combinados com a turma. Quando a criança não fez a lição completa ela pode deixar em branco e preencher quando entregar a sua meta completa.

O último controle é o calendário do mês em que as crianças planejam as atividades coletivas da semana, ou datas já marcadas para o mês. Estes controles ficam no mural da sala, próximo do espaço da roda, onde todos podem ver. Depois de terminado o mês estes registros são colados no Livro da Vida.

A turma da Esponja do Mar está habituada desde o início do ano (e algumas crianças desde a Educação Infantil) a preencher estes controles e hoje são feitos realmente como planejamento e avaliação, da maneira que encontramos na obra de Freinet.

Além de ser um recurso de planejamento para as crianças estas tabelas são recursos de avaliação para o professor e para os pais, desde a presença da criança na escola como também em relação aos trabalhos realizados.

Aqui cabe uma ressalva, os instrumentos colocados aqui foram preconizados por Freinet como meios de planejamento e avaliação, mas ele também coloca a autonomia que cada professor e a sua turma tem em elaborar o trabalho pedagógico sem cumprir regras.

---

Segundo SAMPAIO (1989: 53), o pensamento de Freinet era...

*"(...) que um mesmo material de trabalho poderia ser utilizado de varias maneiras. Cada classe tinha uma realidade diferente, cada professor uma mentalidade própria, cada escola, características peculiares; dessa forma, era absolutamente impróprio estabelecer regras".*

---

## Capítulo 5 – Considerações finais

### Avaliação formal e Pedagogia Freinet

Um questionamento que surge quando analisamos a Pedagogia Freinet e sua aplicação nas escolas regulares como possibilidade de avaliação. Este trabalho deteve este instrumento de avaliação somente ligado a escola tradicional.

No entanto, se faz necessário localizar o leitor sobre como a aprovação acontece no processo pedagógico dentro da pedagogia Freinet. Hoje, no Brasil, as escolas seguem regimentos e leis que sugerem conteúdos programáticos para cada série e também meios de aprovação dos alunos através de notas e conceitos.

Já colocamos que a aprovação, na Pedagogia Freinet, ocorre pela análise de todo o trabalho produzido pelo aluno e superação das suas dificuldades. Além disso, usa-se fichas autocorretivas e breves.

Freinet acreditava que a passagem do aluno para outro conteúdo ou série se dava de maneira clara e consistente quando o professor conhecia intimamente seus sujeitos educandos e também através da auto-avaliação que o aluno fazia. Como na escola analisada, o Projeto Político Pedagógico está inteiramente baseado nas técnicas Freinet e não na simples aplicação de alguns instrumentos. O processo de avaliação é feito inicialmente através das anotações feitas pelo professor e, posteriormente, através de relatórios individuais dos alunos.

O processo de avaliação é constante, acontece no dia-a-dia e é sistematizado para os pais em três momentos: no mês de maio, agosto e dezembro, constituindo, assim, unidades de avaliação em trimestres de trabalho.

Os encontros formais de avaliação com os pais são momentos de vinte minutos com cada pai, sendo individualizado. A avaliação se constitui de relatórios nos quais os professores explicitam todos os conteúdos trabalhados (ANEXO 3), atividades

---

selecionadas por estes que exemplificam sua avaliação do aluno e a descrição analítica que o professor faz de cada aluno. Este material é levado pelos pais para leitura. Neste material também se encontra a auto-avaliação escrita que o aluno faz (ANEXO 4).

Através dos relatórios individuais, das anotações e do desenvolvimento do aluno o professor elabora um conceito sobre o trabalho do sujeito. Diferente da escola tradicional encontramos na pedagogia Freinet um meio de realizar a avaliação escolar mais ligado à real situação do educando no processo cognitivo, psicológico e social no espaço escolar.

Este processo de avaliação se aproxima muito das propostas elaboradas por diversos autores que recentemente analisam a avaliação escolar e a estudam. O procedimento de escrever relatórios explicita aos pais e ao aluno os critérios utilizados pelo professor, de modo que a avaliação se torna aberta ao meio social da escola e traz clareza a quem está olhando este educando em seu desenvolvimento.

Podemos ver que em todos os instrumentos Freinet o processo de planejar e avaliar é configurado como avaliação formal, pois gera diálogo entre professor e aluno. O papel do professor sai do esquema colocado no primeiro capítulo onde o professor é autoridade e o aluno submisso. Os instrumentos e o olhar de igualdade fazem do professor um organizador, um mediador da relação entre o aluno e o conhecimento.

Enquanto isso, o aluno deixa de ser visto como submisso, passando a ser autor da sua produção cognitiva, autônomo, cooperador e colaborador do trabalho da turma como um todo. O aluno tem a possibilidade de (re) construir o saber através de um trabalho tranquilo de apropriação do conhecimento sem ter a aprovação e a reprovação como controladores da sua atuação na escola.

A nota no processo de avaliação da Pedagogia Freinet, e na escola estudada, é o resultado de um processo muito mais amplo no qual o aluno atuou desde o princípio e não esteve ausente. Todas as decisões que o professor toma são guiadas pelos princípios freinetianos no sentido do professor dialogar sobre estas decisões com o educando. Os

instrumentos e os recursos de planejamento e avaliação tornam este processo aberto à discussão, ao diálogo e mais difícil de ser arbitrário em relação à atuação do docente.

Na escola tradicional encontramos uma avaliação de controle, ou seja, a educação que domestica, que torna o sujeito dócil, ou que o exclui quando este não se encontra no padrão estabelecido pela camada dominante da sociedade.

A escola surge assim como espaço de hierarquia, autoridade e submissão dos sujeitos. A atuação do aluno é cada vez mais restrita, controlada por meios de aprovação e reprovação. O controle é estabelecido de maneira a diminuir a autonomia do sujeito, de tirar deste a possibilidade de mudança, fazendo-o acreditar que a escola é o espaço que a capacitação acontecerá de maneira plena para o trabalho e que o aluno que se sobressair terá mais chance de ascensão social.

Para a manutenção do capital a classe dominante tira do sujeito o poder de reflexão sobre sua própria atuação no mundo. O trabalho dentro da escola é alienado assim como será o trabalho do adulto. Os princípios da pedagogia Freinet, ou seja, a cooperação, a autonomia, a livre expressão não podem ser buscados e nem desenvolvidos na escola tradicional, pois essas são bases poderosas para uma transformação das relações de poder, de trabalho e de reflexão do sujeito.

Assim, podemos considerar a avaliação formal e informal como meios reguladores desta manutenção de poder. Enquanto Freinet pensa na avaliação como meio de recomeçar, de buscar maior autonomia do sujeito, de dar possibilidade de reflexão aos educandos das camadas populares. Os instrumentos Freinet contêm, assim, valores referenciais para que a transformação social ocorra, para que o sujeito tenha domínio sobre a sua prática no meio social, apropriação da cultura já produzida pela sociedade através do trabalho e uma real consciência da sua atuação também como sujeito produtor de cultura.

O processo de planejamento e avaliação que Freinet organizou nos seus instrumentos pedagógicos trazem ao sujeito educando os princípios que ele mesmo acreditava serem necessários para a mudança do poder. A autonomia, a cooperação e a

---

livre expressão são princípios que o sujeito necessita para a tomada de consciência da sua atuação na escola, na sociedade e no mundo.

Além disso, a faculdade do planejar antecipa esta atuação ao nível intelectual e do pensamento, levando o sujeito a uma prática consciente no processo pedagógico. O ato do aluno se avaliar e ser avaliado, como colocado neste trabalho, dentro dos preceitos da pedagogia Freinet faz com que este ultrapasse o nível de conhecimento anterior ou de atuação, tendo o professor como mediador deste com o conhecimento e com os critérios de avaliação.

Esta análise também necessita de ressalvas como encontramos em Villela

*“Assim, é necessário perceber que a escola Freinet não tem a pretensão de ser a redentora da sociedade, como também não pretende solucionar todas as dificuldades apresentadas pelo sistema brasileiro de educação, visto que estas questões se situam num contexto mais amplo de realidade social.”*

Finalmente podemos analisar a pedagogia Freinet como um modelo pedagógico que traz, em si, meios de olharmos a avaliação escolar e também nos proporciona possibilidades de mudança principalmente em relação ao olhar do professor enquanto participante deste processo.

## Bibliografia

- FERREIRA, Gláucia de Melo. *Cooperação e democracia na escola: construção de parcerias no cotidiano escolar como formação continuada*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2004.
- \_\_\_\_\_. (org). *Palavra de professor (a): tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- FREINET, Celéstin. *O Método Natural I: A aprendizagem da língua*. Lisboa: Estampa, 1977.
- \_\_\_\_\_. *As técnicas Freinet na escola moderna*. Portugal: Estampa, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Para uma escola do Povo: guia prático para organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREINET, Elise. *O itinerário de Celéstin Freinet - A expressão livre na pedagogia Freinet*. Lisboa, Livros Horizonte, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento de uma pedagogia popular: métodos freinet*. Lisboa: Estampa, 1978.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas: Papyrus, 1995.

---

\_\_\_\_\_. (org). *Avaliação: construindo o campo e a crítica*. Florianópolis: Insular, 2002.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

SAMPAIO, Rosa Maria W. F. Freinet - *Evolução Histórica e Atualidades*. Coleção *Pensamento e Ação no Magistério*. São Paulo: Scipione, 1989.

MALAVAZI, Maria Marcia Sigrist. Os pais e a vida escolar dos filhos. Tese de doutorado Campinas – Faculdade de Educação – UNICAMP, 2000.

SILVA, Ana Flávia Valente Teixeira da. *Nesta tribo cabem todos: a escola Curumim e a inclusão escolar*. Trabalho de Conclusão de Curso – Unicamp, 2004.

# ANEXO 1

## Plano de trabalho – Ensino Fundamental

PLANO DE TRABALHO		seg	ter	qua	qui	sex
Escrita	 Texto Livre					
	 Carta					
	 Ficha de Português					
	 No computador					
	 Jogo					
	Interpretação de texto					
	Correção de texto					
Leitura	 Livro, Jornal ou Revista					
	 Biblioteca					
	Leitura em Voz Alta					
Matemática	 Ficha					
	 Jogo					
	 Caderno Auto Corretivo					
	 Problemas					
	 Operações					
	 No computador					
Outros	 LOGO					
	 Pesquisa					
	 Desenho					
	 Fabricação					
	 Artes					
	 Livro da Vida					

Meta: \_\_\_\_\_

Sou responsável:

Avaliação

Aluno(a)

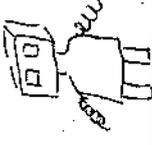
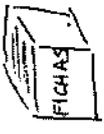
Professora

Pais

ANEXO 2

Plano de Trabalho - Educação Infantil

PLANO DE TRABALHO

MÊS	PINTURA	DESENHO	RECORTE E COLAGEM	MODELAGEM	CONSTRUÇÃO	ESCRITA	PESQUISA	JOGOS	FICHÁRIO
SEGUNDA 2ª						A F O D M L			
TERÇA 3ª									
QUARTA 4ª									
QUINTA 5ª									
SEXTA 6ª									

---

## ANEXO 3 - Exemplo de Lista de Conteúdo da 1.ª série

### Projeto Identidade

Como um dos conteúdos a ser trabalhado na 1.ª série, o Projeto Identidade abrangeu os gostos das crianças, as vontades, suas histórias já trilhadas, os desejos para o futuro, as mudanças físicas e de comportamento, aspectos familiares e escolares.

Alguns conteúdos trabalhados foram:

- Linha do tempo (passado, presente e futuro)
- Mudanças físicas - Tamanho (peso e altura)
- Conhecimento dos documentos que nos identificam como cidadãos - certidão de nascimento, carteira de identidade, título de eleitor...
- História dos nomes
- Características físicas
- Identificação dos diversos grupos sociais
- Eu como membro da família
- Diversidade cultural e de modelos familiares
- Datas comemorativas
- 

#### Linguagem oral e escrita - Expressão e comunicação

Foram trabalhados os seguintes conteúdos:

- Comunicação verbal em momentos de roda e em situações de conflito.
- Expressão da vontade própria ou de resolução de problemas através da fala e escrita.
- Percepção do uso da escrita no Jornal de Parede, em bilhetes e cartas, em jornais e revistas e no Livro da Vida.
- Precisão de vocabulário.
- Colocação de idéias para o grupo e regras para isso ocorrer com sucesso.
- Hipóteses de escrita dos fatos ocorridos.
- Leitura em sala e na biblioteca, leitura em voz alta de textos coletivos.
- Alfabeto - vogais, consoantes e regras gramaticais; ordem alfabética.
- Correção de textos e lições de casa.
- Uso das letras de imprensa e cursiva - conhecimento de ambas para leitura dos materiais impressos.
- Elaboração de texto livre, de texto dirigido por um tema ou figura, texto feito ao ar livre.
- Diversas formas de texto, ou seja, textos narrativos, descritivos, livros sem texto, placas, dicionário, manuais, cruzadinhas, mapas, gráficos, receitas, notícias, poesias.
- Elaboração de hipóteses para continuidade de histórias, para criar histórias em quadrinhos, dividir a estória a ser contada em etapas.

ANEXO 4– Modelo de auto-avaliação do aluno



FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO

Aluno: VINÍCIUS

série: 1A

Professora: HELOISA

data: 26/4/2004

Na roda de conversa			
	(1)	(2)	(3)
1. Consigo ouvir o amigo?	X		
2. Levanto a mão e espero a minha vez para falar?	X		
3. Consigo falar sobre os assuntos que estão sendo discutidos?	X	X	
4. Fico sentado numa boa postura na roda?	X		
5. Presto atenção às informações escritas no Livro da Vida?	X		
6. <u>CUMPRO OS COMBINADOS</u>	X		

Em ateliers e no trabalho da sala			
	(1)	(2)	(3)
1. Presto atenção e ouço a professora nas explicações?		X	
2. Concentro-me no trabalho? Trabalho sem conversar?		X	
3. Colaboro para o bom andamento das aulas?	X		
4. Realizo as tarefas propostas em sala?		X	
5. Consigo sentar corretamente, sem por os pés na cadeira?		X	
6. Trago sempre o material didático? Cuido bem dele?	X		
7. Organizo o material na carteira?	X		
8. Meu caderno está limpo e caprichado?	X		
9. Trago sempre a lição de casa?		X	
10. Respeito a professora?	X		
11. Respeito os colegas?	X		
12. Aceito as decisões do grupo (Jornal de Parede) e respeito as nossas regras?	X		
13. Sou pontual às aulas?	X		

No lanche e recreio		Ⓐ	Ⓑ	Ⓒ
1. Lavo as mãos para o lanche?			<input checked="" type="checkbox"/>	
2. Fico sentado tranquilo durante o lanche?			<input checked="" type="checkbox"/>	
3. Falo baixo durante o lanche?			<input checked="" type="checkbox"/>	
4. Subo e desço a rampa devagar, sempre andando?			<input checked="" type="checkbox"/>	
5. Brinco com os amigos sem provocar ou brigar?	<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>	
6. Lavo as mãos para voltar para a sala depois do recreio?			<input checked="" type="checkbox"/>	
7. Tenho cuidado com o lixo jogando-o corretamente no cesto?	<input checked="" type="checkbox"/>			
8. E com o lixo de papéis de bola ou outros?	<input checked="" type="checkbox"/>			
<b>O que aprendi (ver o Plano de Trabalho)</b>				
<b>1. Na escrita:</b>				
Consigo escrever histórias, textos livres e poesias?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Minha letra é bem legível?				
Faço textos no computador?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Consigo corrigir meus textos (ortografia)?			<input checked="" type="checkbox"/>	
<b>2. Na leitura e interpretação:</b>				
Consigo ler os livros indicados?	<input checked="" type="checkbox"/>			
Consigo resumir as idéias principais do texto?	<input checked="" type="checkbox"/>			
Consigo responder as roteiros de leitura?	<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>	
<b>3. No desenho e na pintura:</b>				
Procuro colorir todo o meu desenho?	<input checked="" type="checkbox"/>			
Procuro caprichar bem nas minhas pinturas?			<input checked="" type="checkbox"/>	
<b>4. Na matemática:</b>				
Consigo resolver as fichas e tarefas?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Faço os trabalhos de matemática com atenção?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Como estou no caderno autocorretivo?	<input checked="" type="checkbox"/>			
<b>5. Nas pesquisas:</b>				
Consigo pesquisar nos livros?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Consigo falar e escrever sobre as coisas que pesquisei?	<input checked="" type="checkbox"/>			

Avaliando a professora				
1. A professora explica claramente as lições de casa?	X			
2. Você entende as explicações que ela dá sobre os assuntos?		X		
3. Ajuda para que todos possam escolher seu trabalho?	X			
4. Ajuda você a entender os projetos que fazemos?		X		
5. O que mais quero dizer à professora?	X			
1º tri -				
2º tri -				
3º tri -				

Avaliando o grupo				
1. Tenho amigos na turma?			X	
2. Sinto-me respeitado pelos colegas?	X			
3. Fazemos bons trabalhos juntos em sala?	X			
4. Fazemos boas brincadeiras no recreio?	X			
5. O que mais quero dizer à turma?				
1º tri -				
2º tri -				
3º tri -				

1. Como realizei minhas metas?				
1º tri -				
2º tri -				
3º tri -				
2. O que eu mais gosto de fazer?				
1º tri -				
2º tri -				
3º tri -				
3. O que eu sei fazer bem?				
1º tri -				
2º tri -				
3º tri -				

## ANEXO 4a - Auto-avaliação do professor

### *Invariantes Pedagógicas (material extraído de SAMPAIO, 1989: 81-99)*

#### *1. A criança é da mesma natureza que o adulto.*

- sinal verde: Você tem se esforçado para aceitar esta invariante.
- sinal amarelo: Você reconhece esta invariante, mas fica hesitante em colocá-la em prática.
- sinal vermelho: No seu comportamento, você considera e age como se a criança tivesse natureza diferente da sua.

#### *2. Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.*

- sinal verde: você se coloca numa carteira igual à dos alunos e age no meio deles, assumindo todas as conseqüências pedagógicas que este gesto pode causar.
- sinal amarelo: Você suprime a disposição tradicional da classe que o destaca perante os alunos.
- sinal vermelho: você deixa as carteiras dos alunos e a sua mesa nas posições tradicionais.

#### *3. O comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional.*

- sinal verde: Você tem conseguido descobrir razões sociais ou psicológicas para o comportamento perturbado de algumas crianças.

- 
- sinal amarelo: Você se interessa, mas não tem conseguido descobrir essas razões.
  - sinal vermelho: você não leva em conta as dificuldades individuais de seus alunos.

*4. A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.*

- sinal verde: Você estabelece em classe uma pedagogia sem imposições autoritárias.
- sinal amarelo: Você procura uma solução intermediária, com alguma autoridade, mas com uma tentativa de liberalização.
- sinal vermelho: Você continua sempre a agir com autoridade.

*5. A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida, quando isto significa obedecer passivamente uma ordem externa.*

- sinal verde: Você suprime a autoridade que exige formaturas supérfluas, silêncio absoluto, atitudes rígidas, braços cruzados, substituindo tudo isso por uma autodisciplina no trabalho.
- sinal amarelo: Você faz tentativas de organização da disciplina usando para isso um mínimo de ordens exteriores.
- sinal vermelho: Através de atitudes rígidas, você conserva sua autoridade.

*6. Ninguém gosta de fazer determinado trabalho por coerção, mesmo que, em particular, ele não o desagrade. Toda atitude imposta é paralisante.*

- sinal verde: Você se abstém de qualquer ordem estritamente autoritária. Você

---

encontra outras formas que conduzem a um trabalho voluntário.

- sinal amarelo: Você reduz paulatinamente as ordens e atitudes autoritárias, suprimindo a disciplina rígida.
- sinal vermelho: Mesmo atenuando sua autoridade, você mantém sua atitude habitual de disciplina e trabalhos obrigatórios

*7. Todos gostam de escolher o seu trabalho mesmo que essa escolha não seja a mais vantajosa.*

- sinal verde: Você organiza e estabelece várias técnicas que levam a criança a escolher o seu próprio trabalho.
- sinal amarelo: Pelo menos nas atividades principais você experimenta deixar que o aluno decida o seu trabalho.
- sinal vermelho: Você não consulta a criança e decide quais os trabalhos que devem ser realizados.

*8. Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.*

- sinal verde: Qualquer atividade escolar que encontre sua razão de ser no comportamento do indivíduo e em seu próprio meio é considerada por você como válida.
- sinal amarelo: Através de artifícios, você desenvolve atividades que dão a ilusão de liberdade e motivação.
- sinal vermelho: Você impõe trabalhos e deveres escolásticos.

*9. É fundamental a motivação para o trabalho.*

- sinal verde: Você promove atividades motivadoras que levam os alunos a se entregarem totalmente a um trabalho.
- sinal amarelo: Através de atividades mistas, você procura dar ao trabalho um novo espírito.
- sinal vermelho: você só apresenta trabalhos dentro da rotina tradicional.

*10. É preciso abolir a escolástica.*

- sinal verde: Você proporciona trabalhos que, juntamente com os alunos, realiza até mesmo no recreio, fora dos horários regulares, com interesse e sem perceber o tempo passar.
- sinal amarelo: Conscientemente, você propõe trabalhos típicos da Escola Moderna, mas ainda influenciados pela escolástica devido às condições da escola e do próprio meio.
- sinal vermelho: Você aplica trabalhos escolásticos tradicionais.

*10- a. Todos querem ser bem-sucedidos.*

*O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.*

- sinal verde: Você pratica a “pedagogia do êxito”.
- sinal amarelo: Você se esforça para evitar o fracasso.
- sinal vermelho: você é partidário da “pedagogia do fracasso”.

*10- b. Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho.*

- sinal verde: Você realiza uma escola pelo trabalho.
- sinal amarelo: você opta por um misto de deveres e de trabalho.
- sinal vermelho: Você não promove uma efetiva participação no trabalho.

*11. Não são a observação, a explicação e a demonstração - processos essenciais da escola - as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas as experiências tateantes, que é uma conduta natural e universal.*

- sinal verde: Você é partidário de uma educação baseada na experiência e na vida. Você favorece a experiência tateando.
- sinal amarelo: Mesmo recorrendo à explicação em algumas disciplinas, você é pela introdução cada vez mais prática da experimentação na escola.
- sinal vermelho: Você ainda não modificou o método habitual de aprendizagem escolástica.

*12. A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, onde se encontra verdadeiramente a serviço da vida.*

- sinal verde: Você proporciona um ensino vivo no qual a memória desempenha apenas o papel de auxiliar técnico.
- sinal amarelo: Você opta por um ensino onde a memória tem demasiada importância, mas onde se inicia uma cultura em profundidade.
- sinal vermelho: Você ainda é por uma educação e uma motivação à base da

memória.

*13. As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, como às vezes se crê, mas sim pela experiência. Estudar primeiras regras e leis é colocar o carro na frente dos bois.*

- sinal verde: Você desenvolve um trabalho vivamente experimental. Ao aplicá-lo, estará se tornando um mestre.
- sinal amarelo: Você faz uso de experiências, acompanhadas de um estudo simultâneo de certas regras, na esperança vã de que o ensino sairá beneficiado.
- sinal vermelho: Você opta por um ensino clássico à base de regras e princípios aprendidos de cor.

*14. A inteligência não é uma faculdade específica, que funciona como um circuito fechado, independente dos demais elementos vitais do indivíduo, como ensina a escolástica.*

- sinal verde: Através de processos intensivos de tateamento experimental, você desenvolve um trabalho como preconiza a Pedagogia Freinet.
- sinal amarelo: Mesmo dentro dos padrões da velha pedagogia intelectualista, você intensifica progressivamente o tateamento experimental.
- sinal vermelho: Você ainda é pela concepção clássica de inteligência que se ampara na escolástica.

*15. A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que atua fora da realidade viva, fixada na memória por meio de palavras e idéias.*

- sinal verde: Por meio de técnicas adequadas, você cultiva ao máximo todo o

potencial de inteligência dos indivíduos.

- sinal amarelo: Você cultiva essas possibilidades complementares apenas acidentalmente.
- sinal vermelho: Você se contenta ainda com o cultivo da inteligência escolar.

*16. A criança não gosta de receber lições autoritárias.*

- sinal verde: Você inicia todos os trabalhos pela experiência e pela informação.
- sinal amarelo: Você faz o possível para que a lição se torne interessante, embora não deixe de ser lição.
- sinal vermelho: Você não ultrapassou ainda o estágio da lição autoritária.

*17. A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende aos rumos de sua vida.*

- sinal verde: Com você, a criança pode trabalhar várias horas sem se cansar.
- sinal amarelo: Com você, a criança se cansa algumas vezes, o que a leva a uma necessária desconcentração e repouso.
- sinal vermelho: com seu trabalho, é imperativo haver recreios.

*18. A criança e o adulto não gostam de ser controlados e receber sanções. Isso caracteriza uma ofensa à dignidade humana, sobretudo se exercida publicamente.*

- sinal verde: Você suprimiu as correções com tinta vermelha e adotou uma atitude de auxílio.

- sinal amarelo: você está a meio caminho desta conquista.
- sinal vermelho: Você permanece ainda fiel aos velhos princípios de correções e sanções.

*19. As notas e classificações constituem sempre um erro.*

- sinal verde: Você suprimiu as notas e classificações e as substituiu por novas formas de trabalho.
- sinal amarelo: Você substituiu prudentemente as notas e classificações por outras designações.
- sinal vermelho: Você permanece fiel à antiga tradição.

*20. Fale o menos possível.*

- sinal verde: Você está organizado para trabalhar, tem suprimido as lições e fala cada vez menos.
- sinal amarelo: Você se esforça para falar menos, mas não realizou ainda a necessária evolução pedagógica.
- sinal vermelho: De preferência, você se contenta com as virtudes da linguagem, explicativa.

*21. A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe numa comunidade cooperativa.*

- sinal verde: Você organiza a prática do trabalho individual dentro de uma equipe ou comunidade.

- sinal amarelo: você experimenta o trabalho de equipe.
- sinal vermelho: você persiste na organização tradicional do trabalho.

*22. A ordem e a disciplina são necessárias na aula.*

- sinal verde: Por meio de técnicas complexas de trabalho, você atinge uma ordem viva.
- sinal amarelo: Na procura da ordem necessária, o seu trabalho ainda não está suficientemente organizado.
- sinal vermelho: para você, as crianças necessitam ainda da ordem imposta pelo exterior.

*23. Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de paliativo.*

- sinal verde: Você suprimiu totalmente os castigos sob a sua forma de sanção automática.
- sinal amarelo: Você pretende suprimir os castigos, mas nota ainda freqüentes recaídas sintomáticas
- sinal vermelho: Você acredita que os castigos são necessários, portanto aceitáveis.

*24. A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida pelo trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.*

- sinal verde: Você pratica esta cooperação total.

- sinal amarelo: Você possui uma cooperativa agregada a sua classe, mas ainda não está investida de todas as suas responsabilidades.
- sinal vermelho: Você quer conservar todo o seu poder.

*25. A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.*

- sinal verde: Você dispõe de 20 ou 25 alunos por classe e assim tudo é possível.
- sinal amarelo: Você dispõe de 30 ou 35 alunos e assim tem muitas dificuldades.
- sinal vermelho: você tem um número superior a 35 alunos.

*26. A concepção atual das grandes escolas conduz professores e alunos ao anonimato, o que é sempre um erro e cria sérias barreiras.*

- sinal verde: Você alcança mais facilmente o sucesso em seus trabalhos, pois atua numa comunidade de cinco ou seis classes.
- sinal amarelo: Em condições especiais, você desenvolve um trabalho aceitável, mesmo atuando num grande conjunto escolar, graças às condições locais, cursos separados ou mesmo classes de aperfeiçoamento (classes experimentais).
- sinal vermelho: Você atua em um grande conjunto escolar anônimo, tipo quartel.

*27. A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.*

- sinal verde: Você se esforça para organizar a democracia em sua escola.
- sinal amarelo: Você, timidamente, faz tentativas não – abrangentes para

implantar a democracia em sua escola.

- sinal vermelho: Você ainda se acha em plena escola autoritária

*28. Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito aos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.*

- sinal verde: Você conseguiu que esta regra fosse uma realidade em suas aulas.
- sinal amarelo: você tem se esforçado para isso, mas ainda não o conseguiu totalmente.
- sinal vermelho: Você ainda não humanizou o seu trabalho na escola.

*29. A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com o qual temos que contar, sem que se possa evitá-la ou modificá-la.*

- sinal verde: Você conseguiu dominar esta oposição.
- sinal amarelo: Você enfrenta esta oposição sem contudo ter grandes esperanças de êxito.
- sinal vermelho: V você encontra demasiada oposição para avançar.

*30. É preciso ter esperança otimista na vida.*

Para esta invariante é sugerido que o próprio leitor faça um teste para analisar e refletir sobre a sua postura diante da vida.

INVARIANTE	VERDE	AMARELO	VERMELHO	INVARIANTE	VERDE	AMARELO	VERMELHO
1				16			
2				17			
3				18			
4				19			
5				20			
6				21			
7				22			
8				23			
9				24			
10 <sup>a</sup>				25			
10b				26			
11				27			
12				28			
13				29			
14				30			
15							

# ANEXO 5 - Amostras de Planos de Trabalho

Plano de Trabalho 1 – Exemplos de Planos de Trabalho coletados ao final do ano letivo.

PLANO DE TRABALHO		seg.	ter.	qua.	qui.	sex.
Escrita	Texto Livre					
	Carta					
	Ficha de Português					
	No computador					
	Jogo					
	Interpretação de texto					
	Correção de texto	X			X	
Leitura	Livro, Jornal ou Revista					
	Biblioteca				X	
	Leitura em Voz Alta					
Matemática	Ficha					
	Jogo					
	Caderno Auto Corretivo					
	Problemas					
	Operações					
	No computador					
Outros	LOGO					
	Pesquisa		X	X	X	
	Desenho	X	X	X	X	
	Fabricação	X	X	X	X	
	Artes	X	X	X	X	X
	Livro da Vida	X	X	X	X	X

Meta: \_\_\_\_\_

Sou responsável

Avaliação  
Aluno(a)

Professora

PARABÉNS  
POR SEU  
TRABALHO!

Pais  
QUIL BOM,  
ACHO QUE  
NESTA SEMANA  
VOCÊ MELHOROU!

MAMÃE

;-)

Plano de Trabalho 2

PLANO DE TRABALHO						
Escrita	Texto Livre					
	Carta					
	Ficha de Português					○
	No computador					
	Jogo					
	Interpretação de texto					
	Correção de texto					
Leitura	Livro, Jornal ou Revista					
	Biblioteca					⊗
	Leitura em Voz Alta					
Matemática	Ficha	⊗	⊗			
	Jogo					
	Caderno Auto Corretivo					
	Problemas					
	Operações					
	No computador					
Outros	LOGO					⊗
	Pesquisa	○				○
	Desenho					
	Fabricação		⊗	⊗	⊗	○
	Artes			○		
	Livro da Vida	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗

Meta: PESQUISA

Sou responsável:

Avaliação

Aluno(a)

Professora  
Andreia,  
você está  
trabalhando  
muito bem!

Pais

André,  
É muito  
legal a sua  
dedicação no  
que você faz!  
Beijos,  
Papai

INVARIANTE	VERDE	AMARELO	VERMELHO	INVARIANTE	VERDE	AMARELO	VERMELHO
1				16			
2				17			
3				18			
4				19			
5				20			
6				21			
7				22			
8				23			
9				24			
10 <sup>a</sup>				25			
10b				26			
11				27			
12				28			
13				29			
14				30			
15							

# ANEXO 5 - Amostras de Planos de Trabalho

*Plano de Trabalho 1 – Exemplos de Planos de Trabalho coletados ao final do ano letivo.*

PLANO DE TRABALHO		seg	ter	qua	qui	sex
Escrita	Texto Livre					
	Carta					
	Ficha de Português					
	No computador					
	Jogo					
	Interpretação de texto					
Leitura	Correção de texto	X			X	
	Livro, Jornal ou Revista					
	Biblioteca				X	
	Leitura em Voz Alta					
Matemática	Ficha					
	Jogo					
	Caderno Auto Corretivo					
	Problemas					
	Operações					
	No computador					
Outros	LOGO					
	Pesquisa		X	X	X	X
	Desenho	X	X	X	X	X
	Fabricação	X	X	X	X	X
	Artes	X	X	X	X	X
	Livro da Vida	X	X	X	X	X

Meta: \_\_\_\_\_

Sou responsável

---

Avaliação

Aluno(a)

---

Professora

PARABENS POR SEU TRABALHO!

---

Pais  
 QUÊ BOM,  
 ACHO QUE  
 NESTA SEMANA  
 VOCÊ MELHOROU!

MAMÃE

;-)

Plano de Trabalho 2

PLANO DE TRABALHO		[REDACTED]				
Escrita	Texto Livre					
	Carta					
	Ficha de Português					○
	No computador					
	Jogo					
Leitura	Interpretação de texto					
	Correção de texto					
	Livro, Jornal ou Revista					
Matemática	Biblioteca					⊗
	Leitura em Voz Alta					
	Ficha	⊗	⊗			
	Jogo					
	Caderno Auto Corretivo					
	Problemas					
	Operações					
Outros	No computador					
	LOGO					⊗
	Pesquisa	○				○
	Desenho					
	Fabricação		⊗	⊗	⊗	⊗
	Artes					○
	Livro da Vida	⊗	⊗	⊗	⊗	

Meta: PESQUISA

Sou responsável:

Avaliação

Aluno(a)

Professora André,  
Você está trabalhando muito bem!

Pais André,  
É muito legal a sua dedicação no que você faz!  
Beijos,  
Papai



